



Frente 3 de Fevereiro

*Mas eis que surge, como herói pop, milagreiro, vislumbre de padim, raio de xangô, o 3 de Fevereiro, o grupo um tanto comitiva guerreira, liga da justiça e bloco. Do saco surge a bandeira, azougue para não terminar o carnaval. E ela vai se desfraldando sem hinos, na síncope do grupo. Aberta como símbolo, não da Nação, coisa maior, mas daquelas pequenas e senhoras selvagerias. Escancarada clama aos céus a incerteza do sentido. Estandarte anunciando a derrota da certeza unívoca. **Zumbi somos nós.** Frase gravada no ar, incógnita na calçada. **Zumbi somos nós.** Zumbi guerreiro ou parias? Vencedores ou vencidos? Imortal herói ou mortos vivos? **Zumbis somos nós.** Senhores ou fantasmas? Estandarte ou mortalha? Uma ferida exposta no meio da rua, uma questão colocada para todos sem nenhum floreio. Não mais a opção por ser marginal e ser herói, mas pelo menos poder ser. Aquela bandeira ali aberta era a dissolução do linear e a dispersão dos sentidos ate então possíveis. **Zumbis somos nós.***

Ricardo Muniz Fernandes

ZUMBI SOMOS NÓS



CARTOGRAFIA DO RACISMO
PARA O JOVEM URBANO

VAI
VALORIZAÇÃO DE INICIATIVAS CULTURAIS



PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO

**ZUMBI
SOMOS
NÓS**



**CARTOGRAFIA DO RACISMO
PARA O JOVEM URBANO**

01

INTRODUÇÃO



ONDE ESTÁ VOCÊ MEU IRMÃO?
EU TE PROCURO
POIS NOSSAS VOZES FARÃO ECOAR A RESPOSTA
OMISSÃO, NÃO!
NÃO SE OMITA, EMITA O GRITO, O TROVÃO, O SOM QUE CRIA
O SOM QUE ECOA
O SOM QUE ESCOA ANTIGAS CRENÇAS
DO NÃO PODER
DO NÃO SABER
DO SE ESCONDER

ONDE ESTÃO VOCÊS MEUS IRMÃOS?
FICAR NO ESCURO
AGORA NÃO PRECISA MAIS
PODE SAIR DE TRÁS DESSA PALMEIRA
QUE PALMARES JÁ SE FOI
E NA SELVA DA CIDADE
DESSE NOVO MATO, SEI QUEM É O CAPITÃO
JÁ OLHEI NOS OLHOS DELE
E NÃO ME ASSUSTO NÃO
POIS ELE TAMBÉM OLHOU NOS MEUS, E NÃO SE RECONHECEU
POIS NÃO ENCONTROU NEM UM VESTÍGIO DE SUBMISSÃO.
POIS NÃO SOU MAIS SEU ESCRAVO
E FINALMENTE EU DISSE: NÃO!
ONDE ESTÁ VOCÊ MEU IRMÃO?

ZUMBI
SOMOS
NÓS

No dia 3 de fevereiro de 2004, o jovem negro Flávio Sant'Ana, confundido com ladrão, foi assassinado pela polícia militar de São Paulo. Este dado de realidade nos mobilizou a iniciar um trabalho de pesquisa e produção de intervenções artísticas que deram origem a Frente 3 de Fevereiro.

Reconhecemos na sociedade brasileira, de um lado, a perpetuação de um ideário de democracia racial que nos afirma como uma sociedade sem racismo e, de outro, a cotidiana tipificação do jovem negro como "suspeito", como "ameaça". O assassinato de Flávio Sant'Ana denuncia esta contradição e revela a democracia racial como tentativa deliberada de negar as perversas práticas sociais pontuadas por uma herança escravocrata. Assim começamos nossa cartografia, tentando decompor e desestruturar um fio histórico que "naturalmente" se atualiza em novas práticas sociais. Mas de que forma estas práticas se estruturam? Quais os limites desta herança em nossa experiência cotidiana?

No Brasil, uma camada da juventude brasileira é historicamente criminalizada, enquanto outra é isolada em "bolsões de privilégios", em uma vida completamente esterilizada. Na vida cotidiana reproduzimos a distância entre as diferenças, em espaços públicos ou privados; mantemos a casa grande e a senzala, de forma visível e invisível; nossa sociedade tem reforçado reiteradamente práticas "anti-sociais" que nos distanciam e mantêm a histórica segregação.

Zumbi Somos Nós: A Cartografia do Racismo para o Jovem Urbano é a organização de um olhar atento à experiência cotidiana, construído por diferentes camadas de leitura: fragmentos de textos, entrevistas do grupo com teóricos, manifestos poéticos, pesquisas de dados, matérias de jornais, etc.

Cartografia, para nós, é uma escrita entendida em sentido amplo, uma postura diante do mundo. Nos entendemos como cartógrafos quando reconhecemos nas práticas sociais cotidianas nossas heranças históricas, quando desvendamos o passado no presente e, assim, podemos vislumbrar e inscrever novos itinerários. As diferentes linhas que ligam os vários "pontos" desta cartografia, criam uma nova interpretação da nossa sociedade. As ações artísticas do grupo sintetizam "áreas" desta cartografia. O foco direcionado para o espaço urbano, ressignifica elementos cotidianos através do "desvio" simbólico. A potência da ação direta, sem mediação institucional e a criação de situações poéticas abrem a subjetividade à construção de um outro futuro possível.



CARTOGRAFIA DO RACISMO PARA O JOVEM URBANO

01. INTRODUÇÃO	004	06. ARQUITETURA DA EXCLUSÃO	082
		6.1. Convivência ou conveniência	084
		6.2. "Know go area"	090
		6.3. Muros visíveis e invisíveis	099
		6.4. Ocupação Prestes Maia: quilombo urbano	102
		6.5. A indústria do medo e as bolhas de segurança	106
02. FLÁVIO SANT'ANA: SUSPEITO DE COR PADRÃO	008	07. CRIMINALIZAÇÃO E CONFINAMENTO	110
2.1. Fragmentos da sentença do caso Flávio Sant'Ana	010	7.1. PCC: uma intervenção midiática	112
2.2. O fato se transforma em evento	012	7.2. O processo de "demonização" na construção de um novo inimigo público	115
2.3. Elemento suspeito de cor padrão	021	7.3. Satisfazer nossa necessidade de vingança com um teatro de justiça	117
		7.4. Precisamos reinventar as formas de convivência	121
03. RACISMO POLICIAL: QUEM POLICIA A POLÍCIA?	028	08. ZUMBI SOMOS NÓS	126
3.1. Policial não tem cor tem farda	030	8.1. Quem foi Zumbi?	128
3.2. Quem são e onde moram os "suspeitos"?	037	8.2. Cotas: inscrição de um símbolo para a igualdade racial	134
3.3. Medo avaliza abuso policial e gera elite exterminadora	045	8.3. Dialética da Marginalidade: convertendo a violência em força simbólica	138
		8.4. Diáspora: um canto de resistência	141
04. O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL	048	09. APONTAMENTOS	142
4.1. Resquícios da sociedade escravocrata: como nasce a "cidadania"?	050	9.1. Bibliografia	142
4.2. Futebol como metáfora da Democracia Racial	057	9.2. Ficha Técnica	142
		9.3. Agradecimentos	142
05. RACISMO NO COTIDIANO E SUA INTERNALIZAÇÃO	064		
5.1. Apellidos	066		
5.2. A doença do embranquecimento: um relato de Frei Davi	070		
5.3. O que fez o cabelo para ser chamado de ruim?	075		
5.4. Injúria ou Racismo	077		

02

FLÁVIO SANT'ANA: SUSPEITO DE COR PADRÃO

- 2.1. Fragmentos da sentença do caso Flávio Sant'Ana
- 2.2. O fato se transforma em evento
- 2.3. Elemento suspeito de cor padrão



VIOLÊNCIA Foram presos três policiais, que, segundo testemunha, forjaram prisão para encobrir crime: acusados dizem ter reagido a tiros PMs matam dentista apontado como ladrão

Um policial militar levou a cabo a prisão de um dentista em São Paulo, em 2003, após uma denúncia de que ele teria roubado um veículo. O policial, porém, não conseguiu identificar o autor do crime e acabou sendo acusado de matar o dentista. O caso foi julgado em 2004 e os policiais foram condenados a prisão perpétua por homicídio doloso.



Reconstrução da fotografia do dentista Flávio Ferreira (sem nome)



O policial militar apontado como autor do crime, ao lado da esposa

Presos entram em contradição, diz Corregedoria

Segundo a Corregedoria da Polícia Militar, os policiais envolvidos no caso foram presos por não apresentarem provas suficientes para acusar o dentista. A Corregedoria também apontou que os policiais não seguiram os procedimentos corretos durante a prisão e a execução dos tiros.

Resumo
Os policiais foram presos por não apresentarem provas suficientes para acusar o dentista. A Corregedoria também apontou que os policiais não seguiram os procedimentos corretos durante a prisão e a execução dos tiros.

Os policiais envolvidos no caso foram presos por não apresentarem provas suficientes para acusar o dentista. A Corregedoria também apontou que os policiais não seguiram os procedimentos corretos durante a prisão e a execução dos tiros.

Os policiais envolvidos no caso foram presos por não apresentarem provas suficientes para acusar o dentista. A Corregedoria também apontou que os policiais não seguiram os procedimentos corretos durante a prisão e a execução dos tiros.

Os policiais envolvidos no caso foram presos por não apresentarem provas suficientes para acusar o dentista. A Corregedoria também apontou que os policiais não seguiram os procedimentos corretos durante a prisão e a execução dos tiros.

2.1 Fragmentos da sentença do caso Flávio Sant'Ana

Processo nº 001.04.005167-7 - Controle 182/04 - 2 Vara do Júri

Consta da denúncia que Antonio Alves dos Anjos fora vítima de crime de roubo e acionou os policiais Luciano, Carlos Alberto e Ricardo. O tenente Carlos Alberto comandava as diligências de rua e contava com o apoio do cabo Ricardo, passaram a dar início a investigações no interior do veículo de Antonio Alves dos Anjos, oportunidade em que procuravam uma pessoa negra que seria o autor do crime contra o patrimônio mencionado. Avistaram a vítima Flávio, também negra, que caminhava pela calçada da Avenida Santos Dumont. Abordaram-na desprezando por completo as normas internas da corporação, na medida em que o soldado Luciano desembarcou do veículo e atirou contra a vítima Flávio, disparos que foram repetidos por Carlos Alberto e Ricardo em ação conjunta e solidária. Ao perceber a ação dos policiais, Flávio levantou os braços e pediu para que não atirassem, mas foi executado sumariamente a tiros. Também, segundo a denúncia, o crime foi praticado por motivo torpe porque os policiais militares em atividade efetuaram os disparos tão somente porque suspeitavam que a vítima era autora do roubo cometido contra Antonio Alves dos Anjos, bem como mediante recurso que impossibilitou a defesa de Flávio pelo fato desta caminhar na calçada sem qualquer motivo para esperar a surpreendente e fulminante agressão a tiros, até porque estava com os braços levantados à mercê dos executores.

⁽²⁾ "PMs matam dentista apontado como ladrão", in Folha de São Paulo, 09/02/2004, p. C9.

"Mais da metade dos negros brasileiros já foi discriminada pela polícia, segundo pesquisa da Fundação Perseu Abramo (Discriminação Racial e Preconceito de Cor no Brasil). **51%** de pesquisados em 266 cidades, afirma ter sofrido humilhações, agressões e torturas. (...) Dos que se sentiram discriminados (brancos, pretos, pardos e índios):

51

69% acusam a Polícia Militar e **23%** a Civil. Os agentes brancos toram responsáveis por **78%** das discriminações contra negros e **12%** dos brancos se sentiram discriminados por policiais negros.

Dos entrevistados, **78%** relataram que ficaram revoltados, mas não procuraram ninguém para pedir providências.

A rua é o principal ponto de ofensas e maus tratos: **60%**.

78

100
076
050
025
000

A segunda instituição que **mais discrimina** o negro é o trabalho: **18%**.
A educação tem índice de **14%** e a saúde de **6%**.⁽³⁾

18



15 a 18 anos assassinados no Brasil, são negros. ”

E afirma o relatório:
 'A violência não tem só idade.
 Tem cor, **raça**, território.
 As vítimas são os negros,
 os pobres, os moradores
 de favelas.' ⁽⁴⁾



⁽²⁾ Agora São Paulo e Folha de São Paulo, 13 de fevereiro de 2004.
⁽³⁾ O Estado de São Paulo, 12 de fevereiro de 2004.
 Os dados totais da Pesquisa estão em: <http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/index.php?storytopic=736>
⁽⁴⁾ Folha de São Paulo, 15/10/2006, C6.
⁽⁵⁾ Diário de São Paulo, 05/04/2004.
⁽⁶⁾ Folha de São Paulo, 11/02/2004.

"Movimentos negros pressionarão por CPI sobre mortes pela PM - Os representantes dos movimentos se reuniram na Assembleia Legislativa para reforçar o pedido de CPI para apurar a violência policial no Estado." ⁽⁵⁾



> Um ano após a morte de Flávio Sant'Ana, Frente 3 de Fevereiro faz ação em frente a Fórum durante julgamento dos policiais envolvidos.

"O Ministro Márcio Thomaz Bastos afirma que há evidências de que tenha havido preconceito racial na morte do dentista." ⁽⁶⁾

2.3

Elemento suspeito de cor padrão ⁽⁷⁾

"O sujeito é suspeito por si mesmo. Por ser negro e pobre." ⁽⁸⁾

“

Eu me formei suspeito profissional
bacharel pós-graduado em tomar geral

Racionais MCs

”



"Analisando a fala dos policiais o que se vê é que a "atitude suspeita" não se relaciona a nenhum ato suspeito, não é atributo do "fazer algo suspeito" mas sim de ser, pertencer a um determinado grupo social; é isso que desperta suspeitas automáticas. Jovens pobres pardos ou negros estão em atitude suspeita andando na rua, passando num táxi, sentados na grama do Aterro, na Pedra do Leme ou reunidos num campo de futebol."⁽⁹⁾



“ A polícia no Rio de Janeiro, quando ela se refere ao elemento suspeito, ela fala do Elemento Suspeito de Cor Padrão. E a cor padrão, nitidamente está se referindo a um negro.⁽¹⁰⁾ ”



⁽⁹⁾ A expressão seria usada, segundo relato de oficiais à equipe de pesquisadores, por policiais, em transmissões de rádio da Polícia Militar do Rio, como jargão para se referir a um suspeito preto ou pardo. RAMOS, Sílvia & MUSUMEDI, Leonarda. Elemento Suspeito - Abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

⁽¹⁰⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de São Paulo, 23/02/2004.
⁽¹¹⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Dificêis Ganhos Fáceis - drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Revan, 2003, p. 103.
⁽¹²⁾ LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.



03

RACISMO POLICIAL: QUEM POLICIA A POLÍCIA?



**3.1. Policial não tem cor
tem farda**

**3.2. Quem são e onde
moram os "suspeitos"?**

**3.3. Medo avaliza abuso policial
e gera elite exterminadora**



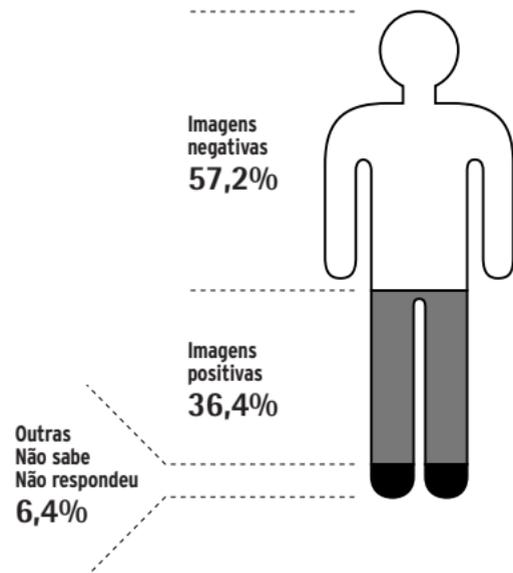
3.1

Policial não tem cor tem farda

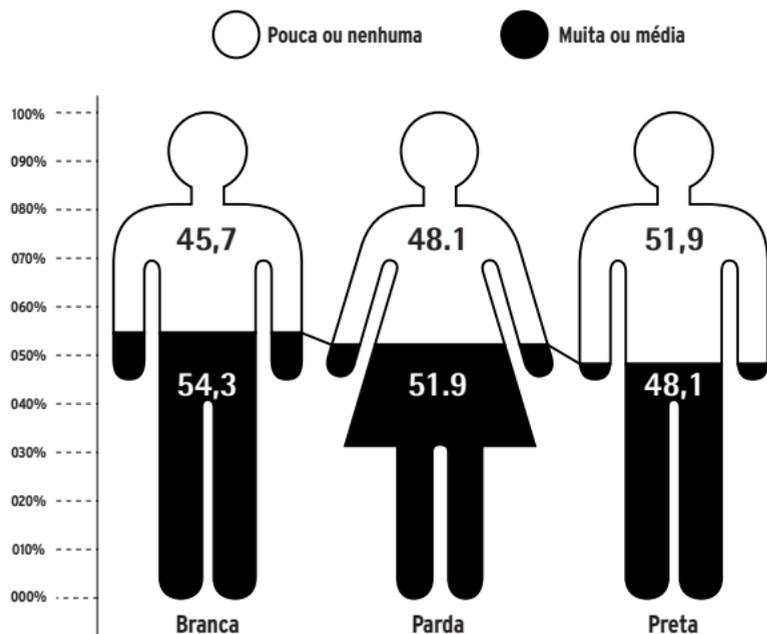
“ Principais denúncias que chegam às Ouvidorias da Polícia são de violência (SP), corrupção (RJ) e abuso de autoridade (MG).⁽¹¹⁾ ”

No Brasil, 59% das pessoas disseram ter mais medo que confiança na polícia. (...) Os mais pobres diziam que preferiam, mil vezes, topar com um bandido que com um policial na rua. Os de classe média afirmaram que a última pessoa que eles chamariam em uma situação de risco seria o policial. (...) Quem vigia os vigias, vigia mal. ⁽¹²⁾

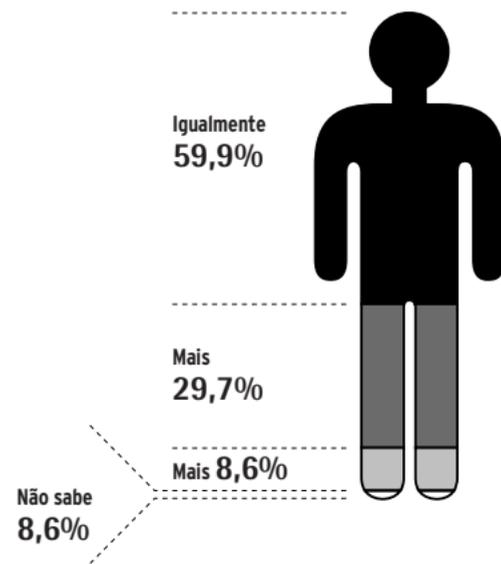
Primeira idéia que os entrevistados associam à Polícia ⁽¹³⁾



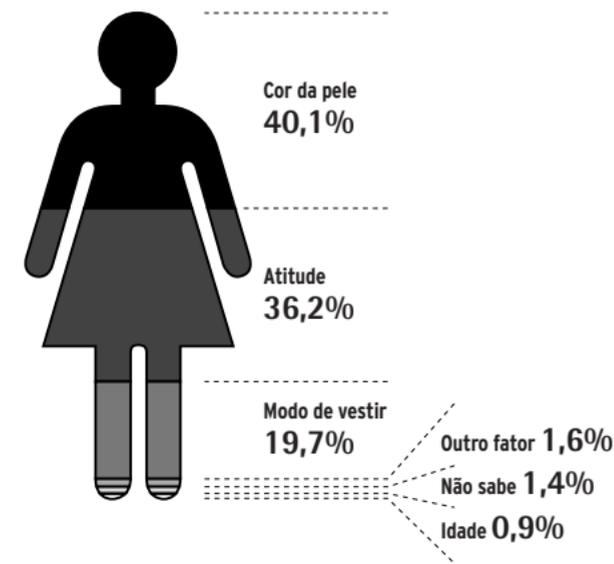
Confiança na Polícia segundo raça ou cor ⁽¹³⁾



Opiniões sobre se a Polícia é mais, menos ou igualmente racista que o restante da sociedade ⁽¹³⁾



Opiniões sobre a principal característica geradora de suspeição policial ⁽¹³⁾



34

"A polícia é um aparato de controle social. Ela surgiu na Inglaterra no contexto da Revolução Industrial. Então, obviamente, era um controle disciplinar sobre a camada operária.

Como é uma sociedade muito homogenia, propiciou-se que se desenvolvesse esse modelo mítico do policial que é um bom cidadão, um cidadão exemplar e uma pessoa particularmente polida no trato social. Ou seja, muito treinado para ser civil no trato com as pessoas. Situação que mudou no pós-guerra, justamente porque aí houve uma entrada em massa de emigrantes não ingleses, e aí o comportamento da polícia começou a degradar altamente na direção desses emigrados. E é um pouco o quadro da Europa no momento. Você tem uma polícia que é simpática com o cidadão e terrível em relação aos emigrantes de todo o tipo, legal ou ilegal. E isso dá o quadro de como a polícia muda, sobretudo, em um contexto de heterogeneidade social, onde existe um grupo que, em particular, é estigmatizado. E aí a atuação se torna sem rédeas em direção a aquele grupo com relação a qual tudo pode.

No Brasil, há essa heterogeneidade constitutiva de uma sociedade onde negros e índios eram considerados como uma presença estranha à cidadania e essa condição, apesar de todas as mudanças culturais do país, em grande parte permaneceu como uma forma de concepção de que esse é o grupo potencial dos excluídos e que com ele essas regras não valem. Aparte das condições da cidadania." (14)



"A polícia é racista e o policial é racista. A corporação é racista na medida em que as instituições nesse país são racistas. Agora, o policial na sua atividade cotidiana ele incorpora. Policial não tem cor, tem uniforme. Quer dizer, na hora que ele vestiu aquele uniforme, ele é policial e ele vai funcionar como um integrante de uma instituição que, historicamente, sempre trabalhou com um viés racista. O racismo está presente em todas as etapas do funcionamento do Sistema da Justiça Criminal. O negro é mais morto do que o branco. A diferença não é a questão do estado sócio-econômico.

A polícia rotula de Auto de Resistência o que ela chama de confrontos com a população. Mas, na verdade, o que a polícia está fazendo poderia ser, claramente, definido como Atos de Execução Sumária. Não é possível mais que populações que não têm voz e que não conseguem se fazer presentes de alguma maneira na discussão dessa questão na sociedade, continue a ser, por exemplo, abatida pela polícia. Quer dizer, claramente, nós temos uma polícia violenta e racista.

Claramente a polícia trabalha com a lógica de que ela vive uma guerra. Então,

ela tem que abater o inimigo. E todas as pesquisas mostram que esse inimigo abatido é, desproporcionalmente, jovem e negro. Então, a gente tem que entender que a lógica da Segurança Pública neste país tem raízes no período da Ditadura, quer dizer, na lógica da Segurança do Estado, da segurança que não era a Segurança do Cidadão.

Num país como o Brasil em que, claramente, nós temos uma polícia violenta, uma polícia que trabalha, freqüentemente, no limiar entre a marginalidade e a legalidade, o controle externo, personificado na figura do Ouvidor de Polícia no Brasil, é uma estratégia muito importante de garantia da cidadania.

O controle externo – que deveria ser absolutamente independente, autônomo e deveria poder investigar por conta própria – não é independente, não é autônomo e não pode investigar por conta própria.

Nós precisamos conquistar para as Ouvidorias de Polícia o direito de investigar por conta própria. Enquanto isso não acontecer, as Ouvidorias serão reféns das Corregedorias e a gente vai caminhar muito pouco na elucidação dos crimes cometidos por policiais." (15)



(14) LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a Revista Época. 11/02/2004.

(15) LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a Revista Época. 11/02/2004.

(16) RAMOS, Sílvia & MUSUMECI, Leonarda. Elemento Suspeito - Abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

(17) SEVCENKO, Nicolau. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

"Desde o começo a polícia trouxe essa ênfase fortemente repressiva, muito mais do que agir como elemento assegurador da ordem pública e, obviamente, do bem estar da qualidade de vida. Não era a função. No princípio era repressiva, era essa de perseguir gente que tinha determinados perfis. O perfil do anarquista europeu e o perfil do quilombola, digamos assim, do período final do século XIX." ⁽¹⁶⁾

⁽¹⁵⁾ LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.
⁽¹⁶⁾ SEVCENKO, Nicolau. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

3.2

Quem são e onde moram os "suspeitos"?

“É como dizer, toda população favelada é negra e todo negro é favelado é bandido. É a naturalização do "suspeito." ⁽¹⁷⁾”

"Quando a polícia sobe os morros, mata três ou quatro e diz que eram todos traficantes. De qualquer forma, isso não justifica a "pena de morte" aplicada no local, ou seja, a abordagem de atirar para matar antes de mais nada. Essa abordagem é uma forma de homogeneizar toda a população favelada e negra." ⁽¹⁸⁾



*"O artifício da **atitude suspeita** vincula-se ao que Sidney Chalhoub chamou de "estratégia de suspeição generalizada" utilizada para o controle das populações negras recém-libertas no final do século XIX. No final do século XX essa estratégia continua entranhada na cultura e nos procedimentos policiais como forma de manter sob controle os deslocamentos e a circulação pela cidade de segmentos sociais muito bem delimitados. A atitude suspeita carrega um forte conteúdo de seletividade e estigmatização." (19)*



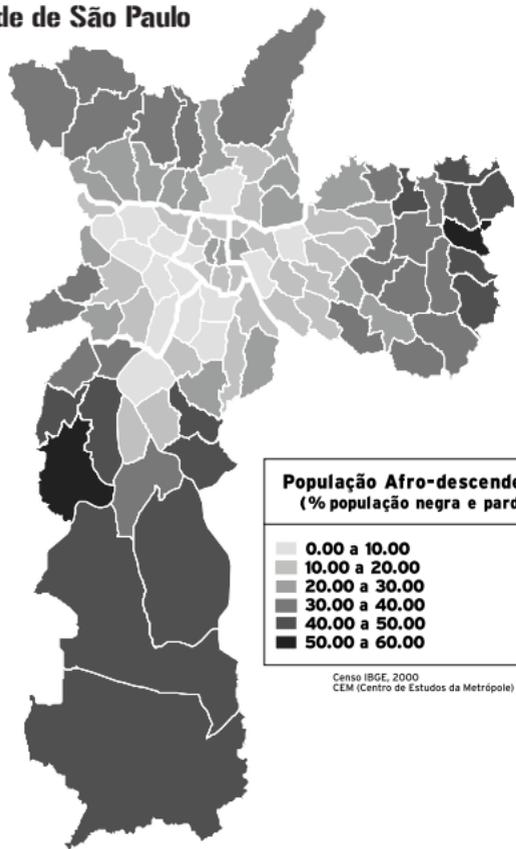
“

Os Batalhões nas áreas pobres estão lá para impor um controle, para impor uma ordem que é a ordem da elite da classe dominante.

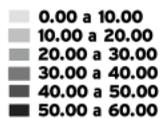
Julita Lemgruber

”

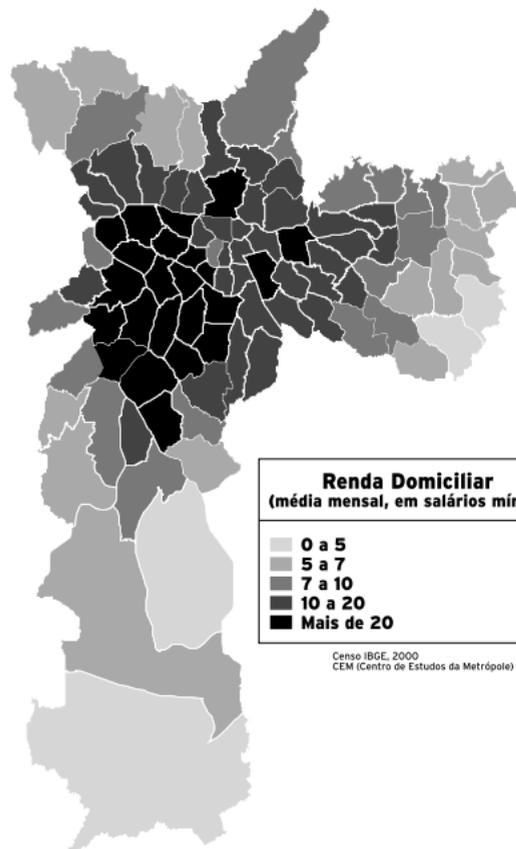
Cidade de São Paulo



População Afro-descendente (% população negra e parda)



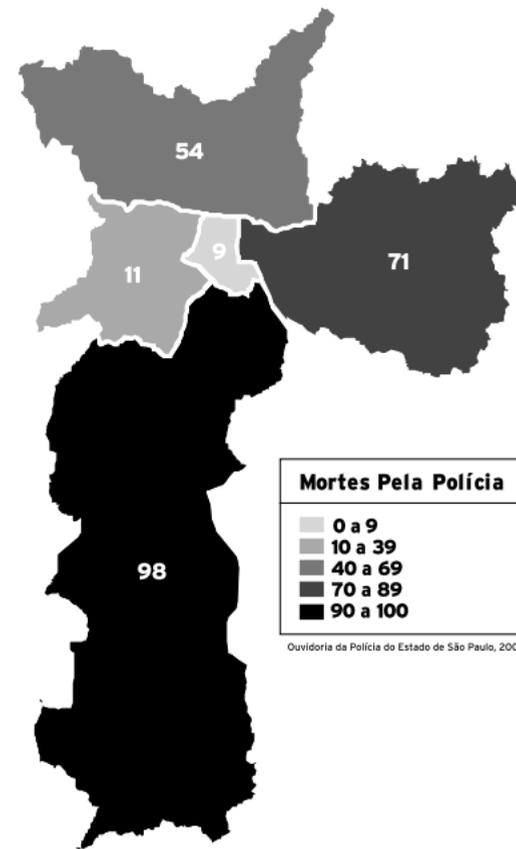
Censo IBGE, 2000
CEM (Centro de Estudos da Metrópole) do CEBRAP



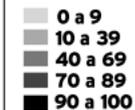
Renda Domiciliar (média mensal, em salários mínimos)



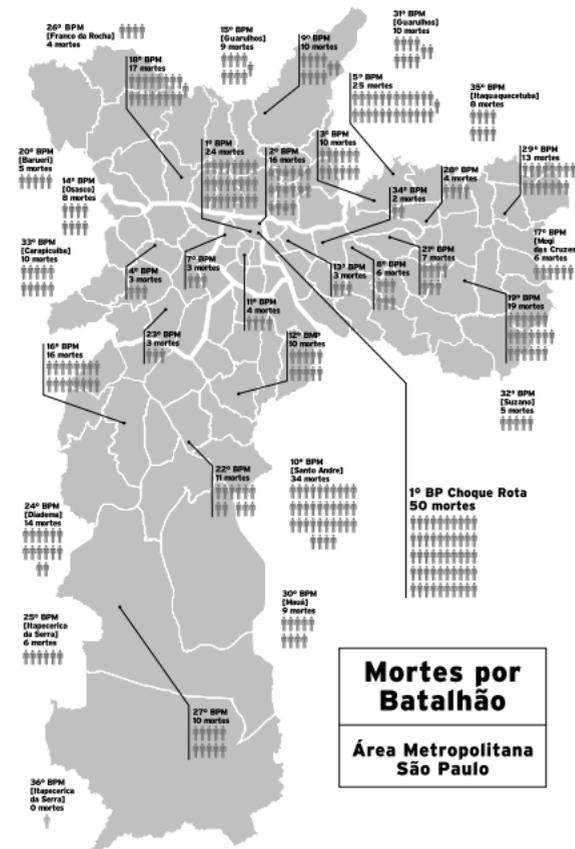
Censo IBGE, 2000
CEM (Centro de Estudos da Metrópole) do CEBRAP



Mortes Pela Polícia



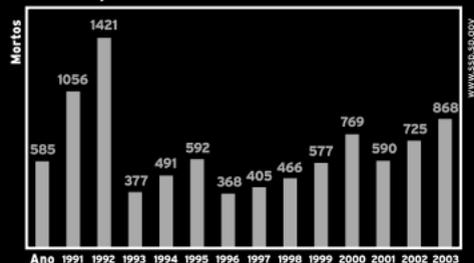
Ouvitoria da Polícia do Estado de São Paulo, 2003



Mortes por Batalhão

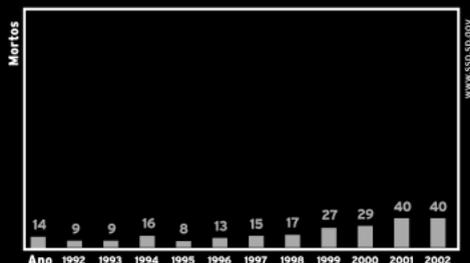
Área Metropolitana São Paulo

Mortos por Policiais Militares



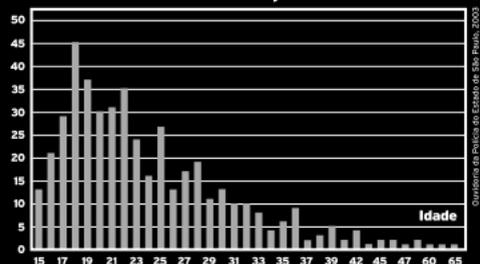
www.ssp.sp.gov

Policiais Militares Mortos



www.ssp.sp.gov

Faixa Etária dos Mortos pela Polícia Militar



Quadrante da Polícia do Estado de São Paulo, 2003

10 Tipos de Ocorrências que Causaram Mais Mortes em Confronto com a Polícia

Roubo de Veículos	157
Atitude Suspeita	89
Roubo a Comércio	68
Roubo à Residência	26
Roubo à Polícia Militar	21
Roubo com Refém	21
Roubo sem Especificação	17
Discussão	15
Roubo a Pedestre	15
Averiguação de Tráfico	14

Quadrante da Polícia do Estado de São Paulo, 2003

3.3

Medo avaliza
abuso policial e gera
elite exterminadora

"Quando a polícia brasileira foi criada, sua função primordial era controlar ESCRAVOS, reprimir quilombos e ajuntamentos e açoitar escravos em locais públicos. No primeiro presídio, 95% dos presos eram escravos." (21)

“Nunca, aqui, a polícia defendeu a cidadania. Ela sempre defendeu uma elite e esteve a serviço do poder.” (22)

"Essa é a barbárie cotidiana que normalmente vitimiza quem não tem poder para questionar a ordem." (23)

(21) ?????

(22) BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de São Paulo, 23/02/2004.

(23) BATISTA, Vera Malaguti. Dificéis Ganhos Fáceis - drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Revan, 2003, p. 104.

(24) LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.



A Revolta dos Malês

A Revolta dos Malês foi uma rebelião de caráter racial, contra a escravidão e a imposição da religião católica. Ocorreu em Salvador, em janeiro de 1835, cidade que contava com metade de sua população composta por negros escravos ou libertos, das mais variadas culturas e procedências africanas, dentre as quais a islâmica, como os “Haussas” e os “Nagôs”. Foram eles que protagonizaram a rebelião, conhecida como dos “Malês”, pois este termo designava os negros muçulmanos, que sabiam ler e escrever o árabe.

A partir da Revolta dos Malês as reações coletivas visando a tomada de poder ganham destaque, superando as reações pessoais como fugas, crimes contra feitores e o suicídio.

Os Malês compreenderam que poderiam usar o medo como estratégia, dada a atmosfera de receios e o aumento das discussões sobre o tráfico negreiro e a escravidão. Para as elites, a identificação de perigosas ameaças e a nomeação de medos correlatos justificaram uma maior interferência do Estado na “salvaguarda” do principal monopólio da boa sociedade, a escravidão. ⁽²⁴⁾

“A Revolta dos Malês foi um movimento na Bahia em 1835, politizado e organizado, que assustou muito as elites brancas, porque eles eram muçulmanos e sabiam ler e escrever, enquanto a elite era basicamente analfabeta. Então foi uma coisa muito assustadora.

Por que eu gosto dos Malês? Porque eles tinham uma perspectiva, uma perspectiva de tomar o poder. No meu livro eu mostro que os líderes Malês eram tratados como criminosos comuns. Os advogados dos Malês quase foram linchados na Bahia. É político! Tudo isso é político! ⁽²⁵⁾



“Desde os tempos da escravidão, a prática social alimentada pelas elites é de delimitar o inimigo como o outro - no caso brasileiro, o negro e o pobre - e clamar por estratégias duras de controle e punição. A estética da escravidão herdada pela sociedade contemporânea é muito presente na atual “paranóia da segurança” vivida no país. Se antes a fantasia era o quilombo, hoje o medo é da periferia e do morro. As elites têm medo, mas é a população da periferia e da favela que vive o terror e a barbárie no dia-a-dia.” ⁽²⁶⁾

“A polícia brasileira – (...) todo o sistema policial, todo o sistema penal – é fundada para fazer o controle da escravidão. Era o dilema de como governar, como manter a ordem escravocrata – que é uma ordem onde a maioria das pessoas está submetida a condições desumanas e uma minoria branca, que é o medo branco, sempre com medo da inevitável, da inevitável erupção dessa conflitividade que é óbvia – então, a polícia tem essas raízes históricas de manutenção da ordem escravocrata.” ⁽²⁷⁾

⁽²⁴⁾ BATISTA, Vera Malaguati. Entrevista para a Folha de São Paulo, 23/02/2004.

⁽²⁵⁾ LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a Revista Época. 11/02/2004.

⁽²⁶⁾ BATISTA, Vera Malaguati. Entrevista para a Folha de São Paulo, 23/02/2004.

⁽²⁷⁾ ?????? Livro que a Marina viu

⁽²⁸⁾ BATISTA, Vera Malaguati. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

⁽²⁹⁾ BATISTA, Vera Malaguati. Entrevista para a Folha de São Paulo, 23/02/2004.

⁽³⁰⁾ BATISTA, Vera Malaguati. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

04

O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

**4.1. Resquícios da
sociedade escravocrata:
como nasce a "cidadania"?**

**4.2. Futebol como metáfora
da Democracia Racial**



4.1

Resquícios da sociedade escravocrata: como nasce a "cidadania"?

“*cidadania*
conceito de cidadania que entra no Brasil e,
ao mesmo tempo, desqualifica todo mundo
que não é branco, do sexo masculino e proprietário.”⁽²⁸⁾”

"No início do século 19, com o direito penal da escravidão. Justamente nessa conjuntura de 1830, logo após a Independência. Nessa época, o país deixou de ser regido pelas ordenações e, em 1824, tivemos a primeira Constituição. Depois, em 1830, tivemos o primeiro Código Penal. E é isso o que instaura o que eu chamo de "cidadania" -conceito de cidadania que entra no Brasil e, ao mesmo tempo, desqualifica todo mundo que não é branco, do sexo masculino e proprietário. Quando o liberalismo e seus diplomas legais entram no Brasil, você tem o tempo todo a desqualificação jurídica do escravo, que aparece como "coisa" perante o ordenamento político da vida privada e como "pessoa" apenas perante o direito penal. E o neoliberalismo comporta esse legado escravocrata porque o tempo todo nós tivemos uma subcidadania. E isso quer dizer que, na verdade, nunca houve cidadania, porque este é um conceito que está naquela categoria na qual ou todo mundo é ou ninguém é. E esse conceito já entra no Brasil com ambigüidade." ⁽²⁹⁾



“O Brasil sempre foi um país perverso com a sua negritude e, ao mesmo tempo, sempre foi um país negro, um país africano.”⁽³⁰⁾



“O Brasil nunca teve uma segregação racial formal, institucionalizada. Mas não teve porque não precisou, porque estava na regra social, ela era praticado, não precisava ser institucionalizada.”⁽³¹⁾

⁽³⁰⁾ BATISTA, Vera Malaquí. Entrevista para a Folha de São Paulo, 23/02/2004.
⁽³¹⁾ BATISTA, Vera Malaquí. Entrevista para a Folha de São Paulo, 23/02/2004.
⁽³²⁾ BATISTA, Vera Malaquí. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.
⁽³³⁾ SEVCENKÓ, Nicolau. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

4.2

Futebol como metáfora da Democracia Racial

A mestiçagem criou no Brasil uma sensação de harmonia e acomodação dos diferentes povos que constituíram esse povo, povo brasileiro. Uma aparente afetividade entre os diferentes.



"No Brasil, o racista é sempre o outro, e o Grafite ⁽³²⁾ caiu que nem colher na sopa, aí estava um caso de racismo que nem nos competia, nos competia delatar ao outro. Essa é a diferença entre um fato e um evento. O fato é aquele com o qual a gente convive no dia-a-dia. E o que é um evento? Um evento é quando o fato adquire significação. Então, o que me interessa é pensar porque que o caso Grafite ganhou repercussão na mídia, se nós convivemos com isso todo o tempo? Por que esse fato se transformou em evento? Na minha opinião, é porque se tratava da demonstração de um "preconceito de ter preconceito". Ou seja, nessa sala ninguém tem preconceito mas todo mundo conhece um desgraçado que tem preconceito. Então, estamos cercados por racistas e resistimos." ⁽³³⁾



⁽³²⁾ Em 2005, o jogador argentino Desábato, do clube Quilmes, ficou preso durante dois dias por acusação de racismo durante um jogo em São Paulo. As ofensas racistas foram dirigidas ao jogador Grafite do São Paulo Futebol Clube.

⁽³³⁾ SCHWARCZ, Lília. Diálogo com Noel Carvalho, realizado pela Frente 3 de Fevereiro.

Em 2005, a Frente 3 de Fevereiro iniciou um trabalho sobre o tema "futebol", comissionado pela Associação Cultural Videobrasil. O futebol é uma situação exemplar potente, onde se expressa a idéia de igualdade social e racial e, ao mesmo tempo, se revelam os preconceitos mais arraigados da cultura ocidental e a naturalidade com que aceitamos, reproduzimos e perpetuamos estereótipos racistas.

Após campanhas anti-racistas no futebol europeu, tivemos no Brasil um caso sem precedentes: o jogador argentino Leandro Desábato, do clube Quilmes, ficou preso cerca de dois dias por acusação de racismo durante um jogo. As ofensas racistas foram dirigidas ao jogador Grafite do São Paulo Futebol Clube. A sociedade se manifestou revelando jogos ideológicos para além do futebol.

A situação foi o ponto de partida para a investigação da Frente 3 de Fevereiro: a multidão e sua força; as transmissões em cadeia nacional; arquivos televisivos; textos publicados na imprensa; mesas de debate; manifestações racistas e anti-racistas; depoimentos de jogadores, torcedores, diretores de clubes e juizes. O campo de ação foi o estádio de futebol: o grupo abriu, com apoio de torcidas, bandeiras gigantes com mensagens que questionam o racismo na sociedade brasileira, intervenções em grande escala durante jogos de futebol - um espaço onde se pressupõe a convivência harmônica entre as diferenças étno-sociais.

O resultado deste trabalho foi a montagem da apresentação audiovisual **"Futebol"**, a qual foi apresentada no teatro do SESC Pompéia, em razão da abertura do Festival Videobrasil 2005 e na Galeria Olido, em razão do Projeto Virada Cultural da Secretaria Municipal de Cultura. Como continuidade do projeto, o Instituto Goethe patrocinou a realização de mais uma intervenção em jogo de futebol no Rio de Janeiro. Também foi apresentada no Itaú Cultural, inserido no Projeto Onda Cidadã, e no Centro de Cultura Judaica, no projeto Coexistence. A partir de entrevista da Frente 3 de Fevereiro com o sociólogo e cineasta Noel Carvalho, foi criado o roteiro **"Futebol"**, paródia de um jogo ao vivo: dois lados da platéia, dois personagens antagônicos.



FUTEBOL

> PERSONAGEM A:

NÃO! O problema é dizer NÃO. Jogar o jogo da ofensa, tudo bem... O problema é se recusar a aceitar. O Grafite foi contra. Ponto!

Ninguém legisla sobre isso. Essa lei anti-racista você não discorda ou concorda ela. Você convive com ela. É uma lei democrática. É tão simples que eu não tenho nem o que falar dessa questão. Um negro se ofendeu com uma ofensa racial. Ponto. Ele procura os seus direitos. Isso não se discute. Não se discute o racismo. Não se discute o espancamento de mulheres. Cumpre-se uma lei. Ponto.

> PERSONAGEM B:

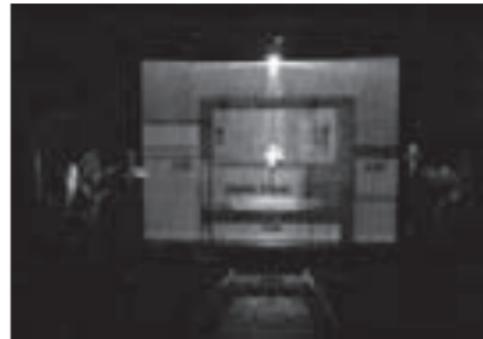
Tá reclamando do que? No Brasil existe uma harmonia entre as raças, reconhecida em prosa e verso, e principalmente no comportamento das pessoas. Aqui tem sol. Tá reclamando de quê criatura? Somos um cadinho de raças, uma verdadeira Democracia Racial.

> PERSONAGEM A:

Pare e olhe para a base.

Nós somos um cadinho de raças? Nós somos uma democracia racial? Como pode a democracia racial aparecer em um país que não tem tradição de democracia política? O ideário de democracia racial não aparece historicamente no século XIX para acomodar estrangeiros? O ideário de democracia racial traz algum avanço em relação à questão do negro? O negro está realmente em questão quando se fala em democracia racial?

Onde estão os negros? Onde está a história? Onde estão os negros na história?



> PERSONAGEM B:

Não sei, sinceramente, se as ofensas ditas num jogo de futebol são provas de racismo e discriminação. Realmente não sei se num momento de raiva quando xingo alguém, eu estou sendo racista. Não! Não! Eu acho que só estou expressando uma raiva momentânea.

> PERSONAGEM A:

Características de repertório:

- 1) É básico;
- 2) É simples;
- 3) É óbvio;
- 4) É clássico;

Consiste em diminuir o outro a condição do:

- 1) Animal
- 2) Telúrico;
- 3) Biológico;
- 4) Macaco;

Retiram-se assim valores fundamentais para a sociedade ocidental tais como:

- 1) Raciocínio;
- 2) Intelecto
- 3) Inteligência;
- 4) Capacidade Abstrata;

O "bom senso" é difícil de ser definido? Já não se pode dizer o mesmo do racismo. O Brasil não é racista? Um negro não pode se sentir ofendido porque teve sua etnia reduzida ao animal? Isso não é ofensivo? Isso pode não ser um problema? Sobre todos os pontos de vista é ofensa é racial! Ponto.

> PERSONAGEM B:

Não me culpe por não ter sido tão bem alimentado quanto eu. Eu não tenho culpa do teu cabelo ruim. O meu é liso. Não fui eu quem te jogou no cativeiro da escravidão. Não te peço desculpas e nem te reconheço como vítima. Não me culpe por vossa preguiça. Freqüenta a minha mesa e sentamos no mesmo banheiro.

> PERSONAGEM A:

O Brasil é um país com tradição escravocrata. No Brasil a esquerda tem tradição escravocrata, a direita tem tradição escravocrata, negros tem tradição escravocrata. A escravidão foi realmente uma coisa que contaminou de uma maneira péssima as relações no Brasil.

Nós somos tão perversos com essa história de relações raciais, que se as pessoas tivessem sequer um ideário de "democracia racial", estaria bom. O Brasil até pouco tempo tinha exame de boa aparência. Em uma ficha de emprego você colocava se tinha ou não boa aparência, o que é claramente uma perspectiva racial.

Vendem-se até hoje apartamentos com quarto de empregadas, isso é típico de um país que teve escravidão. É claramente uma tradição escravocrata. É cultural, e cultura você não elimina com decreto. Você não elimina com decreto o sujeito construir apartamento com quarto de empregada. Ter uma senzala dentro do apartamento. É cultural.

> PERSONAGEM B:

Pouco me importa que vocês guardiões do politicamente correto, tentem me fazer acreditar que sou negro. Não me considero. Minha mãe é negra e meu pai branco. Puxei mais a ele. Na minha certidão de nascimento estou classificado como branco. E é isso que me importa. Não sou obrigado a me ver como negro. Meu pai não era negro.



> PERSONAGEM A:

No Brasil, por um processo natural de cruzamentos, as pessoas podem ficar brancas. A regra é o embranquecimento. Seja pela ascensão social, seja pela relação com brancos, muito bem vindos, por que afinal, os filhos vão ficar mais claros. Brancos, claro. No começo do século, apostava-se que o Brasil no final do século seria branco.

E além disso uma idéia de que aquela população mestiça escura, população negra, aquela população mulata se cruzada com europeus, iria melhorar a raça. Incrível! No Brasil você pode embranquecer e a cosmética de relações raciais diz que se você enriquece você perde a cor. Isso mesmo, você ganha dinheiro e perde a cor. Há! Azar de quem acreditar nisso, vai se dar mal, negro que acreditar nisso vai se dar mal, vai "engolir muito sapo", vai se magoar bastante.

O Brasil não quer nos ver como negros, nós é que chamamos a atenção para a questão negra. E quando nós chamamos a atenção para isso nós somos interpelados como racistas, armadilha perigosíssima. Nós não podemos construir uma identidade porque ferimos a idéia de nacionalidade. A sociedade é racialmente complicada e a tentativa é inverter a jogada, dizer que nós, ao reivindicarmos a cor, estamos chamando a atenção para a raça. Ora, chamar a atenção para a raça não significa ser racista, significa só chamar a atenção para a raça, isso não pode aterrorizar as pessoas. O chamado feito é num sentido positivo, de igualdade, de participação, porque os racistas também fazem isso, eles apontam a tua cor. Mas para te inferiorizar, humilhar, ofender, diminuir, rebaixar, depreciar, degradar. É importante que essa luta não se confunda com o racismo. Essa é uma luta de igualdade, democracia, junto inclusive com brancos.



Racismo Negro? Não! O racismo é branco! Não foram os brancos que foram escravos no Brasil. Foram os negros! Foram quase 400 anos de escravidão negra! A idéia de você racializar o discurso não é para tomar uma oposição ao branco, mas sim a idéia de que eu, quando digo que sou negro, assumo a minha ascendência, a minha história e estou disposto a construir o reino da diversidade. E ao mesmo tempo estar diante mestiçagem, mas a mestiçagem como reino da diversidade e não com uma idéia de que nós temos uma ascendência que precisa ser maquiada. Da diversidade real, não da fantasia. É como se você tirasse a máscara da democracia racial e, por trás dela, tivesse um Brasil verdadeiro e aí sim, diverso e mestiço. Nós negros, índios, mulheres, temos que civilizar as relações nesse país, por que eu acho que os brancos, a classe dominante nesse país, que é toda ela branca, é incivilizada, é isso que eu acho, as relações aqui são incivilizadas.



As relações sociais são mediadas e a idéia de democracia racial vem como um harmonizador, você internaliza o preconceito, desde os apelidos, algo que parece indolor, isso vai se acumulando, se acumulando, até o momento no qual você é exterminado fisicamente como foi o caso do Flávio Sant'Ana. O negro tem um papel fundamental na civilização das relações sociais no Brasil. Insisto, a palavra é essa: civilização das relações, por que elas são absolutamente selvagens conosco. A interpelação é assim: sou negro sim, sou brasileiro, quero meus direitos e não estou tirando nada de ninguém. Não estou dizendo que branco é ruim, é pior, não estou dizendo nada, estou dizendo: sou negro, tenho orgulho de ser negro e quero meus direitos, como cidadão brasileiro. Eu não preciso me integrar à sociedade. Eu sou a sociedade. ⁽³⁴⁾

⁽³⁴⁾ Fragmento da peça Futebol, criada em 2005 pela Frente 3 de Fevereiro, baseada em entrevista com Noel Carvalho.

05

O RACISMO NO COTIDIANO E SUA INTERNALIZAÇÃO



5.1. Apelidos

5.2. A doença do embranquecimento:
um relato de Frei Davi

5.3. O que fez o cabelo
para ser chamado de ruim?

5.4. Injúria ou Racismo



5.1

Apelidos

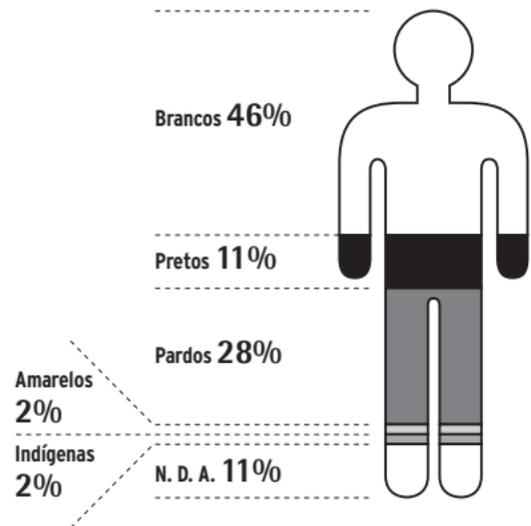
“Às vezes, a discriminação está menos nas palavras e mais no jeito de olhar.”

Branco. Adj. 1. Diz-se da impressão produzida no órgão visual pelos raios de luz não decomposta. 2. Da cor da neve, do leite, da cal; alvo, cândido. 3. Diz-se das coisas que, não sendo brancas, têm cor mais clara do que as outras da mesma espécie. 4. Claro, transparente, translúcido. (...) 8. Diz-se de indivíduo de raça branca. 9. Fig. Sem mácula; inocente, puro, cândido, ingênuo.

Pardo. Adj. 1. De cor entre o branco e o preto; quase escuro. 2. De um branco sujo, duvidoso. 3. De cor pouco brilhante, entre o amarelo e o castanho. 4. Diz-se de qualquer coisa dessas cores. 5. Mulato (5). S. m. 6. A cor parda. 7. Mulato (1).

Negro. Adj. 1. De cor preta. 2. Diz-se dessa cor; preto (...) 3. Diz-se do indivíduo de raça negra; preto. 4. Preto. 5. Sujo, encardido, preto (...) 7. Muito triste; lúgubre. (...) 8. Melancólico, funesto, lutuoso (...) 9. Maldito, sinistro (...) 10. Perverso, nefando (...) 12. P. Ext. Escravo... (35)

No Brasil, quantos se consideram:



fonte: Folha de São Paulo, fevereiro de 2004.

"22% dos negros são alvo de ofensas: "A pesquisa que avaliou a violência nas escolas também mostra que os estudantes que declararam ter cor preta sofrem mais com o preconceito: 22% deles já foram xingados por causa de sua cor de pele, percentual que cai para 6% entre os estudantes brancos.

Além disso, entre os xingamentos mais comuns lembrados por professores e alunos, muitos deles eram de cunho racista. Entre as palavras mais lembradas para agredir, os alunos citaram apelidos como "macaco", "escrava", "picolé de asfalto" ou "cabelo duro". As agressões feitas por professores lembradas foram "arrombados", "raça podre" ou "negros descarados", entre outros.

Uma coisa é o aluno ganhar um apelido por causa da cor da pele. Outra é quando esses apelidos são repetidos com o objetivo de agredir ou ofender o aluno. Professores e diretores interferem pouco nos problemas entre os alunos e boa parte das agressões verbais a estudantes provém dos próprios professores." (36)

(36) FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1994.
(37) Folha de São Paulo, 01/05/2006.

"No Brasil, a mistura de definições, baseada na descrição da cor mas também na situação econômica e social, teria gerado um uso elástico dos termos, consolidado em 1976, depois que o IBGE fez sua PNAD. Diferentemente do censo, no qual a cor é determinada pelo pesquisador, nesse caso os brasileiros atribuíram a si mesmos 136 cores, reveladoras de uma verdadeira "aquela do Brasil":

1. acastanhada 2. agalegada 3. alva 4. alvarenta 5. alvarinte 6. alvinha 7. alvo-escuro 8. alvo-rosada 9. amarela 10. amarelada 11. amarelo-queimada 12. amarelosa 13. amorenada 14. avermelhada 15. azul 16. azul-marinho 17. baiano 18. bem-branca 19. bem-clara 20. bem-morena 21. branca 22. branco-avermelhada 23. branco-melada 24. branco-morena 25. branco-pálida 26. branco-queimada 27. branco-sardenta 28. branco-suja 29. branquiça 30. branquinha 31. bronze 32. bronzeada 33. bugrazinha-escuro 34. burro-quando-foge 35. cabocla 36. cabo-verde 37. café 38. café-com-leite 39. canela 40. canelada 41. cartão 42. castanha 43. castanho-clara 44. castanho-escuro 45. chocolate 46. clara 47. clarinha 48. cobre 49. corada 50. cor-de-café 51. cor-de-canela 52. cor-de-cuia 53. cor-de-leite 54. cor-de-ouro 55. cor-de-rosa 56. cor-firma 57. crioula 58. encerada 59. enxofrada 60. esbranquecimento 61. escuro 62. escurinha 63. fogoio 64. galega 65. galegada 66. jambo 67. laranja 68. lilás 69. loira 70. loiro-clara 71. loura 72. lourinha 73. malaia 74. marinheira 75. marrom 76. meio-amarela 77. meio-branca 78. meio-morena 79. meio-preta 80. melada 81. mestiça 82. miscigenação 83. mista 84. morena 85. morenada 86. morenã 87. moreninha 88. moreno-bem-chegada 89. moreno-bronzeada 90. moreno-canelada 91. moreno-castanha 92. moreno-clara 93. moreno-cor-de-canela 94. moreno-escuro 95. moreno-fechada 96. moreno-jambo 97. moreno-fechada 98. moreno-parda 99. moreno-roxa 100. moreno-trigueira 101. mulata 102. mulatinha 103. negra 104. negota 105. pálida 106. paraíba 107. parda 108. pardo-clara 109. pardo-morena 110. pardo-preta 111. polaca 112. pouco-clara 113. pouco-morena 114. pretinha 115. puxa-para-branca 116. quase-negra 117. queimada 118. queimada-de-praia 119. queimada-de-sol 120. regular 121. retinta 122. rosa 123. rosada 124. rosa-queimada 125. roxa 126. ruça 127. ruiva 128. sapecada 129. sarará 130. saraúba 131. tostada 132. trigo 133. trigueira 134. turva 135. verde 136. vermelha

Schwarcz, Lília Moritz > Racismo no Brasil / Lília Moritz Schwarcz - São Paulo: Publifolha, 2001 - (Folha explica)



5.2

A doença do embranquecimento: um relato de Frei Davi

"Entrei no seminário em março de 76. Lá no seminário éramos em 37 seminaristas. Desses, acho que uns 30 eram brancos, de origem italiana, alemã etc. E no dia 13 de maio, eles decidiram comemorar a Lei Áurea. Então, no refeitório grande, na mesa do meio do refeitório, eles (...) enfeitaram de Navio Negroiro. E falaram: "Olha, todos os negros vão receber uma homenagem, devem sentar na mesa do meio para almoçar".

“Eu vinha de uma realidade, onde meu pai é muito negro e minha mãe é muito branca. Uma realidade onde a família, um pouco, neutralizou a discussão racial. E nos colocou a família da minha mãe, branca. Então, nós carregamos conosco a ideia de que nós eramos brancos, nós éramos uma pessoas queimadas pelo sol, morávamos na beira da praia, íamos a praia... Era só isso!”

Nesse dia 13 de maio de 76, os seminaristas, então, fazendo uma brincadeira do 13 de Maio, quando todos os negros se sentam na mesa, alguém grita: “Opa, tem uma cadeira vazia, falta alguém, quem está faltando?” Aí gritaram: “aaahh, é o Davi!” Me pegaram pelos braços, me arrastaram e me colocaram na mesa entre os negros. Para mim, aquilo foi a coisa mais cruel da minha vida, porque me chamaram, publicamente, de negro. Assim que me soltaram, dei uma porrada na mesa, quebrei um prato, saí e fui embora. Fui arrumar a mala para ir embora para casa. Eu pensei assim: “eu vim aqui para viver a fraternidade, mas aqui você me chama de negro, então não tem fraternidade aqui. Tô fora!”

E aí, enquanto eu fui para o dormitório arrumar a mala para vim embora, alguém corre e avisa ao mestre: “Olha, houve um incidente com um seminarista, com o seminarista Davi, e ele está arrumando a mala para ir embora”. O mestre saiu correndo, foi para lá ver. Falou: “Davi, o que aconteceu?” Eu disse: “Olha Frei, me chamaram de negro! Eu acho que tem que se respeitar as pessoas e me chamar de negro é ofensa. Eu vim aqui para viver a fraternidade. Se é para ser ofendido, prefiro ir embora!” Ele disse: “Davi, se você quer ir embora, é um direito seu! No entanto, quando você chegou aqui, você disse que queria viver a fraternidade, saber perdoar, você queria ser franciscano porque o forte de Francisco de Assis é perdoar, viver a fraternidade.

Então, quando você encontra o primeiro problema, a solução é arrumar a mala e ir embora? É sinal de que você ainda não tem convicção ainda para ser franciscano. Então, se você quer ir embora, vai! Mas, pelo menos, fique um pouco mais e vivencie um pedacinho do seu franciscanismo.

Agüente aqui até amanhã, olhe para cara de seus companheiros que te ofenderam, perdoe a cada um, e amanhã, com o coração resolvido, você pode ir embora em paz, sem guardar ódio dos seus irmãos. Fazendo isso, eu acredito que você quer ser franciscano, que você é alguém que vai ser muito bom na sociedade.”

Bem... eu agora fiquei em xeque-mate! Se eu fosse embora já, ele diria que, realmente, eu era alguém que não tinha convicção no que estava pregando. Então fiquei, fiquei mais um dia para conviver, pedir perdão e ir embora.

Esse Frei me escalou pro trabalho da tarde, me escalou para colher frutas e me colocou num grupo que era só composto por aqueles que fizeram comigo aquele ato.

E quando percebi aquilo, pensei: “Puxa vida... foi a pior coisa do mundo! Tá bom...Vou lá com o grupo colher fruta mas o que eu faço?” Escolhi a atividade menos interativa. Foi segurar a cesta. Eles colhiam a laranja, jogavam a laranja na cesta e eu levava para a sacola. Portanto, era só segurar a cesta e olhar para baixo. E assim fiz, segurei a cesta.

Acabou o trabalho comunitário, subo pro banho e ele me chama: “Davi, te observei! Você não olhou pro rosto dos seus companheiros, você não os perdoou. Portanto, nada está resolvido em você! Eu, hoje a noite, após o jantar, não vou sair para atividade, para dar aula na faculdade, vou ficar aqui e posso te receber para uma conversa, você aceita?” Respondi: “Sim Frei! Aceito!” E fiquei.

E ali ele começou na conversa, a noite chegou... começou: “Olha, pois é, o Flamengo é um time legal, tatatá...” “É Frei! Eu sou Flamengo também!” Criei um clima de descontração. Quando ele percebeu que eu tava totalmente light, ele falou: “Você tem aí uma foto da sua mãe?” “Tenho Frei!” Enfie a mão na carteira, tirei a foto da minha mãe branca, e mostrei para ele. Ele olhou e falou: “Ué!? Sua mãe é branca?” “Lógico Frei, eu sou branco, minha mãe é branca.” Ele mudou de assunto e falou em praia, falou em praia de Copacabana, e até que chegou nas praias da minha cidade, Vitória, Espírito Santo, falou em Guarapari, falou da praia de Camburi, Praia da Costa.... Eu disse: “Pois é Frei! Ali foi minha área de convívio, tomava muito banho de praia...” Quando eu começo a falar de praia que ele viu que eu tava solto, ele pergunta: “Você tem aí uma foto do teu pai?” Frei: “Ter, tenho, mas está lá na mala.” “Pois é! Vai lá buscar para eu ver, conhecer seu pai.” “Mas, Frei, a mala está fechada, já vou embora amanhã, para que ir buscar a foto do meu pai?” Aí: “Não! Eu já conheci sua mãe pela foto, me dê esse prazer! Eu quero conhecer seu pai pela foto também.”

Aí, todo chateado, levantei, fui lá no dormitório, abri a mala e, lá no fundo da mala, estava a foto do velho. Peguei a foto dele e trouxe, todo envergonhado.

“Mostrei para ele e ele gritou: “Oh! Parabéns, seu pai é negro!!!” Quando ele falou isso...pá!!!...me deu um choque no corpo! E ali comecei a passar mal. Ele foi, pegou a água, me deu para tomar e ali mandou sentar e falou: “Oh Davi! Eu pedi para você trazer uma foto do teu pai porque eu queria saber o quanto você está doente! Eu queria saber o grau da doença em você. E Davi, você tem uma doença chamada de ideologia do embranquecimento.”

Você assimilou a sociedade dominante que lhe falou que ser branco é sucesso. E você quer ser branco, você nega seu povo negro. Só que isso é uma doença. Você não escolheu, você foi contagiado. E tem outra Davi, só existe um remédio para essa doença. Está na sua cabeça. É você trabalhar, limpar as más informações e reformatar as formações de sua mente.” E ali, eu chorando já, meio complicado. Não era mais branco. Não era mais negro. Eu não tinha mais base, eu estava quebrado, eu estava destruído, não sabia o que fazer mais. E ali entrei em crise, não consegui mais pensar. E pedi a ele que suspendesse a conversa e saí, andei um pouquinho e fui dormir. E, na conversa, ele falou o seguinte: “Eu, família Fritzen, durante toda a minha vida de seminário, li dezenas de livros sobre o povo alemão e na língua alemã.”

“No dia seguinte, quando eu acordei, isso ficou na minha cabeça, leu dezenas de livros sobre o povo alemão, na língua alemã. Pensei: *Espera aí, eu nunca li um livro sobre negro, e nem em língua afro. Que história é essa? Por que ele pode e eu não posso?*” Então, imediatamente, e fui para biblioteca do seminário e lá procurei em todos os arquivos, em todas as estantes, um livro que falasse sobre negro. Não encontrei em língua africana e nem em língua portuguesa. E ali começou a nascer o primeiro veio do Davi guerreiro, exigindo.”

Fui, bati na porta do quarto dele e falei: “Oh, Frei! O senhor falou para mim que o senhor leu livros do seu povo alemão. Eu fui buscar livros do meu povo negro e não encontrei em nossa biblioteca. Não seria por isso que eu estou doente? Não seria por isso que outros negros estão doentes? Porque a sociedade não dá oportunidade de conhecer a nossa história?” “Puxa! É mesmo! Vamos comigo lá na cidade comprar livros sobre o negro.” E aí começou. E aí nasceu o Davi que hoje está aqui. Eu só estou aqui hoje lutando pelo negro, pelo ingresso do negro na universidade porque sofri racismo e aquele racismo foi marcante e me transformou!”⁽³⁶⁾

⁽³⁶⁾ DAVID, Frei. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.



5.3

O que fez o cabelo para ser chamado de ruim?

Pior que a cor do negro é seu cabelo, por razão de algum tipo de pecado ancestral, este povo foi castigado com um cabelo seco, crespo e armado, "cabelo ruim", e o grande sofrimento de todos, mesmo os descendentes de pele clara, é o que fazer para esconder da sociedade o tal do "cabelo ruim"? **O que fez o cabelo para ser chamado de ruim?** Roubou, matou? E o que fez o cabelo para ser chamado de bom? É liso, claro, rico ou fez chapinha? As mulheres na sua maioria se renderam a invenção norte americana dos alisamentos. Algum idôneo instituto de pesquisa já levantou quantas chapinhas, relaxamentos e alisamentos de cabelo são feitos no Brasil por dia. Por que o cabelo não é bom pelo simples fato de ser cabelo? Os garotos, por sua vez, raspam a cabeça e não tiram os bonés ou tocas e, em nome do estilo ou mesmo da moda, escondem também seus cabelos, que nunca são mostrados.

O mais interessante desta história toda, é que quando uma família tenta evitar que um de seus membros se case com uma pessoa mais negra, geralmente usa o seguinte argumento: Não temos nada contra a cor negra, mas já imaginou se os filhos nascerem com aquele cabelo? Isso lhe trará muito mais dificuldades no futuro... **Enquanto não nos apresentarmos em nossa totalidade, nunca seremos seres completos.**⁽³⁸⁾



“Nós temos aí esses anos todos
de um padrão estético Globo,
que é um padrão branco,
onde os papéis nas novelas
são sempre papéis que são chavões
para manter ou a figura boa,
ou a empregada doméstica
que é solidária com o patrão.
Esse é o sistema que tem o monopólio
da imagem brasileira.”⁽³⁹⁾

⁽³⁹⁾ Pedro Guimarães, integrante da Frente 3 de Fevereiro.
⁽⁴⁰⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

5.4

Injúria ou racismo?

Crime de Racismo: art. 20, “caput”, da Lei 7716/89.

É a manifestação de um sentimento em relação a uma raça.

Pena: reclusão de um a três anos e multa.

Exemplo: ao se xingar “Tinha que ser um negro para fazer uma merda desta” ou: “Oh, raça maldita!”, está se praticando racismo, porque tais expressões querem dizer que todos os negros ou a maioria deles faz coisas erradas.



Injúria qualificada: art. 140, § 3º, do Código Penal.

Protege a honra subjetiva da pessoa, que é o sentimento próprio sobre os atributos físicos, morais e intelectuais.

Pena: reclusão de um a três anos e multa.

Exemplo: xingar, por exemplo "Negro imbecil" há uma ofensa à pessoa xingada (honra subjetiva) com bases em elementos preconceituosos o que se configura a injúria qualificada

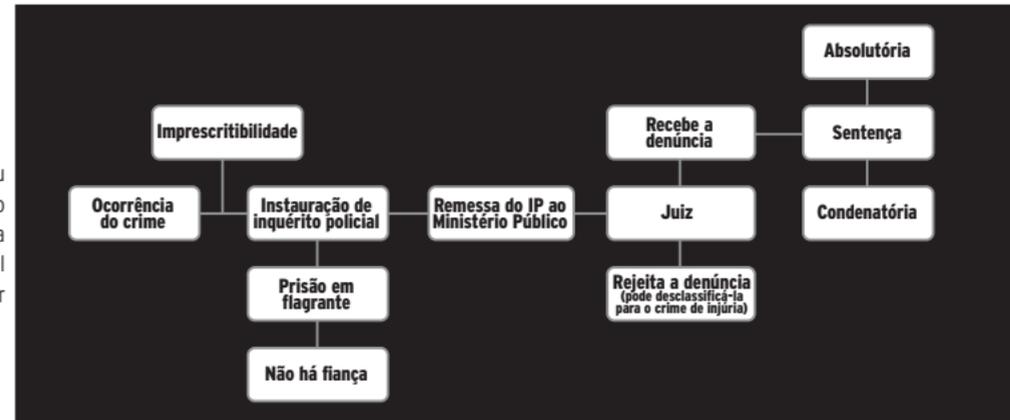
O critério a ser adotado para a diferenciação das condutas deve ser o alcance das expressões, gestos ou qualquer modo de exteriorização do pensamento preconceituoso.



Crime de Racismo Art. 20 Lei 7716/89

Racismo:

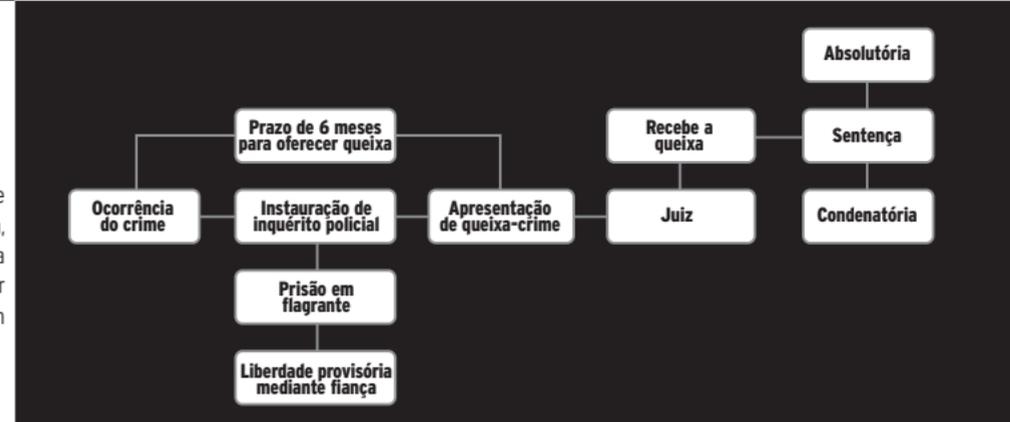
Crime imprescritível (direito que não perde o seu efeito pelo decorrer do prazo) e inafiançável (não aceita fiança), segundo o art. 5º, inciso XLII, da Constituição Federal, sendo a natureza da ação penal pública incondicionada (movid, portanto, por membro do Ministério Público)



Crime de Injúria Qualificada por Preconceito Art. 20 Lei 7716/89

Injúria:

É prescritível e aceita fiança, além de ser, via de regra, a ação penal de iniciativa privada, ou seja, obriga-se a vítima, além de preocupar-se com a possibilidade de extinção de um direito por não ter sido exercido no prazo legal, ainda a valer-se de um advogado.



06

ARQUITETURA DA EXCLUSÃO



**6.1. Convivência
ou conveniência**

6.2. “Know go area”

**6.3. Muros visíveis
e invisíveis**

**6.4. Ocupação Prestes Maia:
quilombo urbano**

**6.5. A indústria do medo
e as bolhas de segurança**



6.1 Convivência ou conveniência?



"Elas são meio invisíveis na estrutura social. Mas fazem tudo nos doces lares das classes médias e altas. Faxineiras, amas de leite, condutoras de cachorrinhos, babás, lavadeiras, cozinheiras. Quando vivem como agregadas da casa grande moram em cubículos indignos de qualquer vigilância sanitária, muitos deles desenhados nos escritórios mais badalados da arquitetura moderna nacional. Os elevadores de serviço selavam de forma clara o apartheid social e racial do destino de nossas domésticas. Leis municipais recentes tentaram coibir a discriminação secular. Mal conseguiram, na maioria dos condomínios elas ainda são constrangidas a se dirigirem às portas dos fundos. (...)

As domésticas representam, nas cidades brasileiras, o papel de bóias-frias e outros setores de trabalhadores rurais, vivendo nos limites da escravidão ou servidão.

Como previu, entre outros, Joaquim Nabuco, em seu lúcido libelo *O Abolicionismo* (1883), o espectro da senzala continua a rondar a paisagem humana brasileira, seja na figura do quartinho precário da área de serviço, seja nas vivendas de favelas distantes, nas periferias, tão nossas de cada dia. (...)

A "dominação cordial" continua a manter desigualdades sociais e raciais e de gênero sob o manto de paternalismo que a tudo que expropria naturaliza, num só movimento." (40)



Disse o comerciante Antônio Carlos Gomes, 56:

"É incrível como esses ricos tiram da gente o direito de entrar onde eles estão, mesmo que esse lugar seja onde sempre estivemos, e onde estaremos amanhã." (40)



(40) HARDMAN, Francisco Foot. "Só pela entrada de serviço". In Folha de São Paulo, 28/06/2006.
 (41) Folha de São Paulo, 31/10/2005.



6.2

“Know go area”

Intervenção na Copa do Mundo 2006
Berlim, 03 de Abril de 2006



Caros da Frente 3 de Fevereiro,

O teatro HEBBEL AM UFER organiza o Festival de Teatro Brasileiro em Berlim - BRASIL EM CENA (de 30 de Maio de 2006 à 07 de Junho de 2006), que acontecerá dentro da programa COPA DA CULTURA, elaborado em cooperação e com o apoio do Ministério da Cultura do Brasil em parceria com a Embaixada do Brasil em Berlim, com o Goethe-Institut e Casa das Culturas do Mundo.

Confirmamos, através desta, a participação de duas apresentações da performance FUTEBOL da FRENTE 3 DE FEVEREIRO na programação do Festival. Para nós será um grande prazer mostrar a produção do grupo em Berlim. As apresentações estão programadas para acontecer nos dias 03 e 04 de Junho de 2006.

Cordialmente,

Kirsten Hehmeyer
Public Relations - HEBBEL AM UFER
<http://www.hebbel-am-ufer.de>

Preparativos da viagem à Alemanha:

No contexto de nacionalismo e euforia que paira sobre a Alemanha na Copa do Mundo 2006, a Frente 3 de Fevereiro desenvolveu um projeto de intervenção em Berlim tendo como foco a situação do imigrante na Europa.

Workshop + intervenção + apresentação:

Através de um workshop, foi feita uma discussão com grupos alemães de arte e ativismo. A relação do imigrante com a comunidade europeia funcionou como ponto chave para a discussão do racismo, em contraposição à imagem construída por eventos como a Copa do Mundo, nos quais as diferenças políticas, socioeconômicas e culturais parecem ser superadas sem conflito. Para a realização das intervenções, a Frente criou parcerias com os grupos Kanak Attack e La Plataforma.

Retorno para São Paulo:

Levantamento das experiências da vivência transformou o trabalho do grupo em São Paulo.

WORKSHOP > Frente 3 de Fevereiro

27th and 28th May

02pm - 06pm

Berlin



Título:

Copa do Mundo e Racismo.

Objetivo:

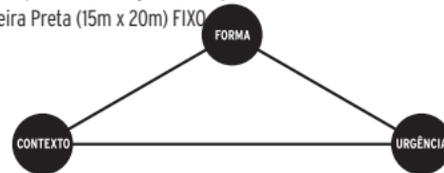
Discussão da questão norteadora - os trabalhos do 3 de Fevereiro e a proposta de intervenção em Berlim funcionam como disparador. Levantamento do espaço e tempo onde a questão norteadora surge como evidência.

Questões norteadoras:

Quem é alemão? Quem é Alemanha? Você é Alemanha?
Aparelho repressor em relação ao imigrante na comunidade europeia?
Você é bem vindo na Alemanha? Como o racismo aparece na Copa do Mundo? O que a Copa do Mundo esconde e o que a Copa do mundo revela? Copa do Mundo como a festa da paz, paz dos vencedores. A segurança e vigilância, controle, a mídia internacional, construção do espetáculo midiático.

Estratégia:

Trabalhar a partir do trinômio: forma x contexto x urgência. ⁽⁴²⁾
> Urgência: norte conceitual, questão eleita como norteadora
> Contexto: local que revela a urgência / Copa do Mundo
> Forma: Bandeira Preta (15m x 20m) FIXO



Ambiente "alfabetizador":

O ambiente deve apresentar, através de imagens, a questão "por que bandeira?". Apresentar, através de imagens, o processo específico do grupo que revele a potência da forma e sua justificativa conceitual.
> Mapa de Berlim
> Quadro branco

⁽⁴²⁾ Referência ao diagrama elaborado por Rodrigo Araújo e trabalhado no curso Arte e Ciência do projeto educativo Política do Impossível, ministrado por Daniel Lima, Luciana Costa, Rodrigo Araújo e Gavin Adams no Espaço Cultural CPFL em 2006.

Tempo	Atividade	Descrição
10 min	Apresentação do esquema das línguas.	Português ↔ Alemão - traduções silenciosas. Esquemas e dinâmicas como instrumentos de expressão não oral.
10 min	Apresentação dos integrantes do 3 de Fevereiro	Apresentação individual e origem da Frente 3 de Fevereiro.
20 min	Apresentação dos participantes.	Nome, grupo, qual a sua motivação de estar aqui?
40 min	Apresentação dos conceitos e estratégias do 3 de Fevereiro	1. Monumento Horizontal e Racismo Policial > Aparelho Repressor 2. Futebol > Democracia Racial 3. Sem Teto > Racismo e outros processos de exclusão.
20 min	Apresentação do Norte	Propor as três perguntas: 1. Quais as questões que temos em comum? 2. Como podemos traduzir estas questões simbolicamente? 3. Quais situações e locais potentes para a ação simbólica? URGÊNCIA ↔ FORMA ↔ CONTEXTO ↔
10 min	Dinâmica - URGÊNCIA	Preenchimento das cartelas: resposta em uma palavra.
40 min	Análise, sistematização e discussão > Cartografia	Cada um coloca no quadro. Criação de cartografia. Procurar entender a distâncias e proximidades.
10 min	Dinâmica - FORMA	Apresenta proposta inicial de bandeira (móvel ou fixo). Construção textual.
20 min	Análise, sistematização e discussão > Cartografia	Colocar no quadro. Criação de cartografia. Procurar entender a distâncias e proximidades.
10 min	Dinâmica - CONTEXTO	Colocação no mapa.
40 min	Análise, sistematização e discussão > Cartografia	Colocar no quadro. Criação de cartografia. Procurar entender a distâncias e proximidades.
20 min	Encaminhamentos	Possibilidade de encontro posterior. Confecção. Ação.
10 min	Fechamento	Uma palavra para experiência do encontro.

No Go Area
Área não recomendável
Lugar de risco
Área de risco
Zona inacessível
Área restrita
Lugar não disponível
Zona exclusiva





No Go Areas na Alemanha: regiões onde pessoas pela sua aparência afro-indígena correm o risco de sofrer violência por motivação racista.

Caso você se enquadre neste padrão de aparência física, seja pela cor da pele de tom amarronzado para negro ou possua traços físicos destes grupos étnicos, é importante tomar alguns cuidados que vamos lhe orientar neste desembarque:

- > Ande sempre que puder em grupo, isso lhe oferece mais proteção do que andar sozinho;
- > Fique atento quando parado em pontos de ônibus e estações de metrô e trem;
- > Redobre a atenção ao andar nas ruas a noite;
- > A experiência aconselha que se tome um maior cuidado em zonas da Alemanha e de Berlim Oriental;
- > Em caso de ataque mantenha a calma, movimentos bruscos podem tornar a situação mais complicada;
- > Cuidados a se tomar - prepare-se mentalmente para situações ameaçadoras, converse com outras pessoas sobre como proceder no caso de ser vítima de uma situação desta, se encontrar alguém vivo para lhe orientar...
- > Lugares com muita gente oferecem menos risco, embora pode ser que ninguém ajude pois todos ficam esperando o outro tomar uma iniciativa;
- > Atacado dentro de ônibus chame o motorista;
- > Atacado no metrô, puxe a trava de emergência para este parar na próxima estação, você ainda pode estar vivo;
- > Atacado na rua, grite em voz alta, sua voz é uma arma, que pode afugentar os agressores;
- > Atacado em lugar movimentado, tente pedir ajuda a alguém em específico (por exemplo "você aí de pólvora vermelho"), pois há pessoas disponíveis a ajudar, mas esperam que haja outras pessoas que ajudem também.

Chame a polícia: 110/ Bombeiros Ambulância: 112



(43) Texto criado por Pedro Guimarães, integrante da Frente 3 de Fevereiro, baseado no informativo distribuído pelo grupo Kanak Attack.



6.3

Muros visíveis e invisíveis

"Estamos sempre impregnados de uma herança escravagista do século XIX, quando havia o controle da movimentação dos negros, que só podiam se deslocar com um documento assinado pelo senhor, no qual estivesse escrito para onde iria, com quem falaria e quando voltaria. A população jovem de periferia vive a permanência disso na forma como são abordados pela polícia. Um grupo de meninos da periferia se deslocando pela cidade leva dura da polícia toda hora." (44)

"O Morumbi não será mais o mesmo, é o que promete a publicidade do empreendimento Cidade Jardim, um complexo com 80 mil metros quadrados que vai abrigar um shopping center de alto luxo, o mais completo spa do país, nove torres residenciais e edifícios comerciais voltados para o público da classe triplo A.

Os dois extremos sociais estarão separados por pouco mais de dois metros de tijolos. O Morumbi, historicamente um bairro de contrastes, tem erguido enclaves de riqueza fora do centro expandido da cidade. Porém, nunca uma diferença foi tão acintosa quanto antes.

A incômoda pergunta sobre a existência de algum projeto para remoção da favela ficou sem resposta pela assessoria. Resposta que tranquilizaria os moradores, apreensivos com a possibilidade de serem retirados ou de terem de vender suas casas para a expansão ou "segurança" do empreendimento.

Da mesma forma, um outro silêncio constrangedor tem sido o dos veículos de comunicação, que ignoram a presença da favela e exaltam os números faraônicos do condomínio, que tem como um dos seus principais atrativos exatamente a segurança.

"Processos como esse de expulsão da população pobre acontecem em toda cidade. Desvendar como isso ocorre é um primeiro passo para a construção de uma cidade mais justa, da qual todos possam desfrutar", analisa Tiaraju Pablo.¹⁴⁵



"Você tem um ordenamento estético na cidade, onde as pessoas olham sempre o jovem negro com medo. (...) Essas fronteiras que vão se erigindo na cidade, são fronteiras objetivas, toda hora um grupo de meninos pobres, negros, jovens está sendo parado pela polícia, para entrar num shopping ou num ônibus ele vai revistado. Mas tem também as fronteiras subjetivas. Eu acho que o Brasil é um país muito cruel nesse sentido, você tem uma hierarquização social muito forte, lugares certos, lugares próprios, lugares impróprios, então o que eu acho que é mais cruel no Brasil é o que mais difícil de se lutar contra é esta internalização do olhar suspeito e toda barbárie que isso acarreta."¹⁴⁶

¹⁴⁵ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de São Paulo, 23/02/2004.

¹⁴⁶ "Favela protesta em lançamento de condomínio bilionário". In Carta Maior, 25/05/2006.

¹⁴⁷ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

¹⁴⁸ SEVCENKO, Nicolau. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

"A formação dos bolsões de exclusão tem a ver com a lógica da cidade moderna, no sentido em que ela é uma área altamente planejada e que já traz, implicitamente no próprio planejamento, o princípio da segregação e da exclusão social. Está na origem do problema. É constitutivo da cidade moderna na medida em que ela se define dessa maneira, há uma dimensão – aquela que o planejamento alcança – que é o moderno, e ali onde o planejamento não alcança é o não-moderno. Ai você já por tabela exclui o que é a parte da população integrada na modernidade e a parte que está excluída ou segregada dela e, nesse sentido, o próprio crescimento da cidade é o contínuo processo de identificação desse mesmo problema.

Ou seja, o princípio da desigualdade está no processo originário, o que obviamente tem a ver com a maneira como a sociedade organizada pelo mercado e, portanto, pelo consumo por si só é reprodutora de formas de desigualdade. Essa desigualdade obviamente tem uma definição que, em primeiro lugar, é social (os que têm e os que não têm), mas, em segundo lugar, ela terá uma definição étnica, particularmente no contexto de sociedades de passado colonial que trazem todo um laço de escravidão e, portanto, uma dimensão significativa daquela sociedade traz esse estigma já na origem. Então, quando houver exclusão e quando houver segregação, essa população estigmatizada é quem será, preferencialmente, a vítima desse processo.

Então, o processo de planejamento – que em princípio seria um signo da prosperidade, do progresso, do desenvolvimento, da modernidade, enfim, nomes esses todos positivos – vai simultaneamente difundindo essas marcas de exclusão que praticamente assinalam os grupos que vão estar desde sempre e para sempre excluídos, porque tal marca significa exatamente o contrário, ou seja, gente que é associada com o que é o passado, com o que é o atrasado, com o que é uma condição regressiva e uma condição anti-progressista e anti-moderna. Nesse sentido, não apenas o estigma do passado jamais é eliminado como ele é cada vez mais intensificado pelo processo da publicidade, da difusão em ampla escala das imagens como a forma de glamurização da

mercadoria e que vão sempre carregar esses mesmo elementos de valorização de uma dimensão da sociedade à dispensa da estigmatização e exclusão da outra. Embora a gente sinta isso na carne, aqui, agora, hoje, nesse momento, o processo é bastante antigo ele tem a raiz no passado colonial. E é claro que lutar contra esse processo tem uma implicação que vai além de apenas tentar integrar grupos, mas tem que se entender o conjunto dessa estrutura histórica e tentar decompor, desarmar, desestruturar essa herança complexa que vem do passado.

São Paulo é quase que uma exceção no conjunto das cidades brasileiras. No conjunto das cidades brasileiras, há uma tendência de convívio de segmentos prósperos com gente de origem mais humilde, que não necessariamente se misturam, mas que pelo menos se vêem, que de alguma forma se tangenciam, que convivem. São Paulo é uma das poucas cidades do país – Brasília talvez seria o outro único grande exemplo – em que se formou um imenso bolsão de privilégio, empurrando a miséria para uma parte em que ela se tornasse invisível, ou pelo menos ficasse longe de qualquer espécie de convívio com essa área privilegiada. Nesse sentido, o processo de exclusão social, de segregação social em São Paulo é mais perverso do que no conjunto do país. E obviamente ele tende a se reproduzir com essas mesmas características. Na medida em que a cidade não tem mais espaço para se expandir – porque estaria atravessando esse bolsão de miséria –, a idéia é expandir para subúrbios distantes que se reproduzam como cidades muralhas, fortificadas quase como casamatas, em que a população fique completamente lacrada, sem que haja possibilidade de gente do âmbito externo penetrar ou de que quem esteja lá dentro saia, a não ser em veículos blindados ou em helicópteros, que de uma área de privilégio vai para uma outra área de privilégio sem qualquer contato com o que haja no meio. Nesse sentido, de fato São Paulo é o pior exemplo para o país e aqui a situação é mais difícil de ser enfrentada do que em qualquer outra parte, justamente porque esse convívio não faz parte do cotidiano de grande parte da população que vive em condições privilegiadas no âmbito paulistano."



6.4 Ocupação Prestes Maia: quilombo urbano



De: "Ricardo Muniz Fernandes"
Assunto: sobre zumbi somos nos
Data: Terça, 7 Feb 2006 13:16:26

(...) Mas eis que surge, como herói pop, milagreiro, vislumbre de padim, raio de xangô, o 3 de Fevereiro, o grupo um tanto comitiva guerreira, liga da justiça e bloco. Do saco surge a bandeira, azougue para não terminar o carnaval. E ela vai se desfaldando sem hinos, na síncope do grupo. Aberta como símbolo, não da Nação, coisa maior, mas daquelas pequenas e senhoras selvagerias. Escancarada clama aos céus a incerteza do sentido. Estandarte anunciando a derrota da certeza unívoca.

Zumbi somos nós. Frase gravada no ar, incógnita na calçada. **Zumbi somos nós.** Zumbi guerreiro ou parias? Vencedores ou vencidos? Imortal herói ou mortos vivos? **Zumbis somos nós.** Senhores ou fantasmas? Estandarte ou mortalha? Uma ferida exposta no meio da rua, uma questão colocada para todos sem nenhum floreio. Não mais a opção por ser marginal e ser herói, mas pelo menos poder ser. Aquela bandeira ali aberta era a dissolução do linear e a dispersão dos sentidos ate então possíveis. **Zumbis somos nós.**

O bloco ao redor do pano pintado voltava à folia, azougue fazendo efeito fulminante. A frase ondulava e repercutia no vento. O bloco cresceu, eram sem tetos, burgueses, brancos, pretos, mascarados, desdentados e doutores. Era torcida organizada de um time campeão. Eram todos e era nenhum. Das janelas escriturários, oficiais e rábulas liam a sentença e também pensavam. Somos nós Zumbis? Sou eu Zumbi? São eles, que existem resistem e incomodam!

Coisa rápida, relâmpago e a equação se desmontou, deixando um vazio ocupando a área, um silêncio espalhado e a pergunta em letras garrafais negras sobre o branco ainda repercutindo nas cabeças.

Dúvida cravada na memória, no desejo de um pouco mais de cada um. Policiais perguntam e ousam questionar o que podemos dizer que nem mesmo aconteceu. Mais um 3 de fevereiro, dia, como outro qualquer mas com um monumento erguido nas memórias, gravado: **Zumbis somos nós.**

Era uma memória vivida do avesso, era manifesto lembrança da tragédia. ⁽⁴⁸⁾



⁽⁴⁸⁾ Texto enviado para a Frente 3 de Fevereiro pelo curador Ricardo Muniz Fernandes em 2006.
⁽⁴⁹⁾ Dossiê denúncia: Violações dos Direitos Humanos no centro de São Paulo | Fórum Centro Vivo, 2006.

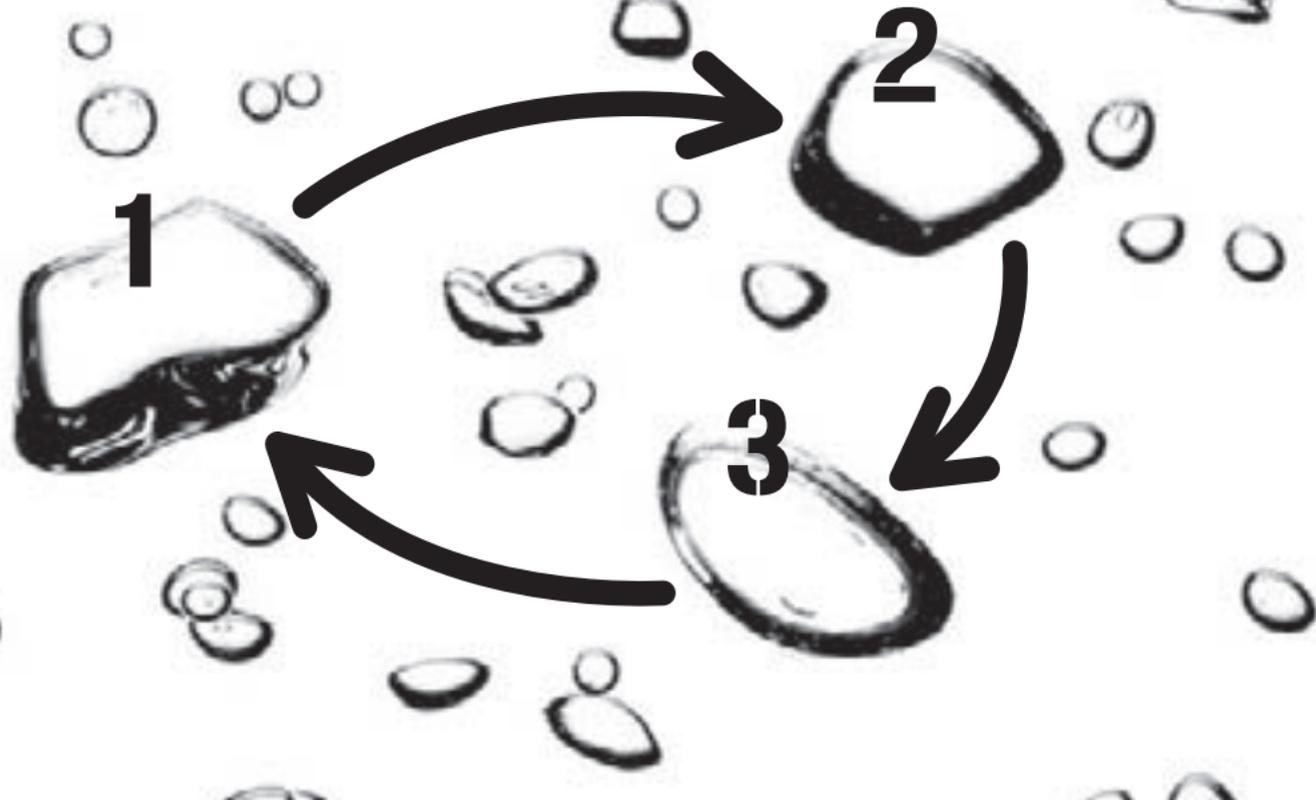
O prédio da avenida Prestes Maia, 911, com cerca de 470 famílias que integram o Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC), abriga 315 crianças, 380 adolescentes, 561 mulheres e 466 homens.

O Prestes Maia, um dos maiores edifícios ocupados da América Latina, é um imóvel com dívidas de Imposto Predial Territorial e Urbano (IPTU) de mais de R\$ 5 milhões. Ele já teve sua reintegração de posse marcada (a partir de 15 de fevereiro de 2006) e posteriormente postergada por dois meses, após incontáveis esforços técnicos, sociais e políticos junto a entidades governamentais locais, estaduais, federais, internacionais e organismos e instituições de defesa dos direitos humanos.

Há quase seis meses, os moradores que vivem nas duas torres do edifício desde novembro de 2002 se encontram sob o temor do despejo e de um confronto com o grande efetivo policial que, segundo integrantes do Comando da Polícia Militar, estariam prontos "para o que der e vier". Os moradores reclamam o reconhecimento do seu direito à moradia e a viver numa região da cidade servida de serviços e infra-estrutura e, especialmente, onde a maioria deles trabalha.

A ameaça de despejo vem sendo evitada apenas por causa da grande mobilização e repercussão social da luta dos moradores do edifício Prestes Maia pelo seu direito à cidade. ⁽⁴⁹⁾





6.4

A indústria do medo e as bolhas de segurança

O Brasil é uma sociedade de classes e, como tal, certos grupos só irão reagir quando se sentirem diretamente ameaçados. As classes mais abastadas no Brasil vivem em "bolhas de segurança", o que é um sinal de status. Carros saem de manhã dos **condomínios fechados (bolha 1)** em direção a **escolas privadas, com guardas nos portões (bolha 2)** e, mais tarde, seguem a **áreas de diversão ou áreas privadas de lazer (bolha 3)**. O conceito básico de cidade, "urbis", "lugar de convívio coletivo", tem desaparecido. O Brasil é um país com alta tolerância à violência.

Estamos acostumados, desde pequenas, a vivenciar a violência, nos âmbitos familiar e escolar. No países escandinavos, por exemplo, qualquer forma de violência é inaceitável. No Brasil, atividades de lazer são recheadas de violência, personagens de novelas se atacam fisicamente em horário nobre, e isso é considerado "entretenimento". Nesse contexto, o papel da polícia, quando repressivo e violento, é considerado aceitável, senão encorajado, por boa parte da sociedade. Num processo de ação e reação, violência gera violência, que nos últimos dias tem sido orquestrada pelo crime organizado, mas que tem se espalhado de forma desordenada, afetando principalmente quem vive fora das "bolhas de segurança".

A taxa de homicídios tanto na capital quanto no Estado de São Paulo tem caído desde 1995. Lesão corporal tem aumentado, o que indica que a violência tem se tornado menos letal. Esses indicadores deveriam afetar o quanto a população se sente segura, mas o sentimento de segurança é determinado por outros fatores, que vão além da criminalidade propriamente dita. Nas últimas décadas, a segurança se tornou uma mercadoria. Essa indústria cresceu muito e tem atingido diferentes estratos da sociedade que podem pagar por isso. As cidades se transformaram. Cada vez que volto à minha cidade natal, vejo que os muros que rodeiam as casas estão mais altos e, as fachadas das casas, hermeticamente fechadas. Fios elétricos, cães de guarda, guardas-noturnos, cadeados, grades, alarmes, porteiros... Tudo faz parte dessa indústria que ajuda a manter o nível de insegurança latente. No Brasil, muitos não consideram o contexto em que a violência é gerada, como se surgisse do nada, e é assim que ela é considerada pelas políticas de segurança brasileiras." (50)



"Essa indústria do medo não pode ser examinada se a gente não examinar também o papel da mídia nessa indústria, nesse contexto. A marca das últimas décadas é de uma mídia que tratou dessa questão de uma forma muito sensacionalista e explorando, certamente, essas figuras sobre as quais deveria recair a preocupação do aparato de segurança pública. E, evidentemente, se você projeta e, continuamente, publica e republica imagens de alguns desses criminosos, alguns deles negros, você também contribui para cristalizar uma imagem de quem é o criminoso. Quer dizer, eu acho que a mídia também contribui para isso." (51)

"O medo é o eixo central de manter as hierarquias sociais, étnicas e culturais brasileiras, mas tem algo que sempre transborda, e isso está sempre transbordando. Nosso principal veneno é a naturalização dos lugares marcados. E quando eu falo que vaza, é porque o tempo todo isso está explodindo. A estratégia do medo é a que mantém essa perversidade, esse índice de letalidade e essa hierarquia social tão cruel brasileira. E não é à toa que o Bush também trabalha o tempo todo com medo, medo dos árabes, medo de um atentado, e é isso que vai endurecendo, vai legitimando, é tortura." (52)

(50) CECCATO, Vânia. Entrevista para a Folha de São Paulo, 21/05/2006.

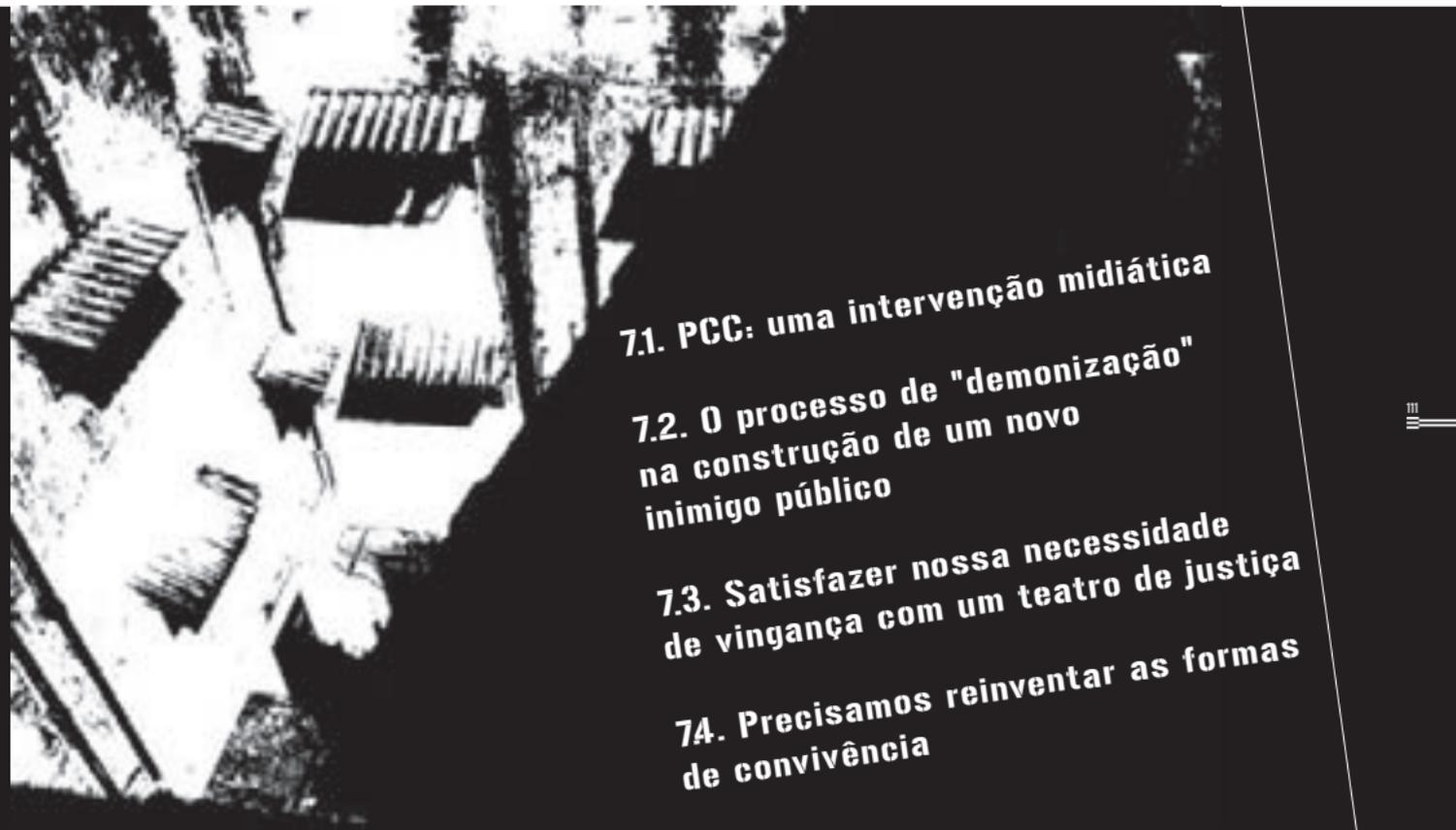
(51) LEMGRUBER, Julieta. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

(52) BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

07

CRIMINALIZAÇÃO E CONFINAMENTO

110



7.1. PCC: uma intervenção midiática

7.2. O processo de "demonização"
na construção de um novo
inimigo público

7.3. Satisfazer nossa necessidade
de vingança com um teatro de justiça

7.4. Precisamos reinventar as formas
de convivência

111



7.1 PCC: uma intervenção midiática

"A organização que surge dali é proporcional às violências sofridas pelas pessoas que estão dentro do sistema. Nós estamos muito impregnados do dogma da pena. A pena – a penalização, a prisão – só traz dor, sofrimento, ela não serve para nada. O neoliberalismo criminaliza a conflitividade social porque ela não tem outra opção para essa potência juvenil e, principalmente para os afro-descendentes." (53)

¹⁵³ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

¹⁵⁴ Comunicado do Primeiro Comando da Capital (PCC) exibido em rede nacional pela Rede Globo na madrugada de domingo, 13 de agosto de 2006, como exigência para a soltura de jornalista da emissora seqüestrado.

Como integrante do Primeiro Comando da Capital, o PCC, venho pelo único meio encontrado por nós para transmitir um comunicado para a sociedade e os governantes. A introdução do Regime Disciplinar Diferenciado [RDD] pela Lei 10.792/2003, no interior da fase de execução penal, inverte a lógica da execução penal. E coerente com a perspectiva de eliminação e inabilitação dos setores sociais redundantes, leia-se 'a clientela do sistema penal', a nova punição disciplinar inaugura novos métodos de custódia e controle da massa carcerária, conferindo à pena de prisão o nítido caráter de castigo cruel.

O Regime Disciplinar Diferenciado agride o primado da ressocialização do sentenciado vigente na consciência mundial desde o ilusionismo [sic] e pedra angular do sistema penitenciário, a LEP. Já em seu primeiro artigo, traça como objetivo do cumprimento da pena a reintegração social do condenado, a qual é indissociável da efetivação da sanção penal. Portanto, qualquer modalidade de cumprimento de pena em que não haja constância dos dois objetivos legais --castigo e a reintegração social--, com observância apenas do primeiro, mostra-se ilegal, em contradição à Constituição Federal.

Queremos um sistema carcerário com condições humanas, não um sistema falido, desumano, no qual sofremos inúmeras humilhações e espancamentos. Não estamos pedindo nada mais do que está dentro da lei. Se nossos governantes, juizes, desembargadores, senadores, deputados e ministros trabalham em cima da lei, que se faça justiça em cima da injustiça que é o sistema carcerário, sem assistência médica, sem assistência jurídica, sem trabalho, sem escola, enfim, sem nada. Pedimos aos representantes da lei que se faça um mutirão judicial, pois existem muitos sentenciados com situação processual favorável, dentro do princípio da dignidade humana.

O sistema penal brasileiro é, na verdade, um verdadeiro depósito humano, onde lá se jogam seres humanos como se fossem animais. O Regime Disciplinar Diferenciado é inconstitucional. O Estado Democrático de Direito tem a obrigação e o dever de dar o mínimo de condições de sobrevivência para os sentenciados. Queremos que a lei seja cumprida na sua totalidade. Não queremos obter nenhuma vantagem. Apenas não queremos e não podemos sermos [sic] massacrados e oprimidos. Queremos que, um, as providências sejam tomadas, pois não vamos aceitar e não ficaremos de braços cruzados pelo que está acontecendo no sistema carcerário. Deixamos bem claro que nossa luta é contra os governantes e os policiais. E que não mexam com nossas famílias que não mexeremos com as de

7.2

O processo de "demonização" na construção de um novo inimigo público

Do ponto de vista das elites brasileiras, as massas urbanas de trabalhadores, em sua maioria negros, vivendo nos morros, quilombados, constituem contingentes perigosos. Reivindicam-se mais e mais investimentos nos mecanismos de controle social, penas mais duras.

O estereótipo do bandido vai se consumando na figura de um jovem negro, funkeiro, morador de favela, próximo do tráfico de drogas, vestido com tênis, boné, cordões, portador de algum sinal de orgulho ou de poder e de nenhum sinal de resignação ao desolador cenário de miséria e fome que o circunda.

A mídia, a opinião pública destaca o seu cinismo, a sua

afrenta. São camelôs, flanelinhas, pivetes e estão por toda parte, até em supostos arrastões na praia. Não merecem respeito ou trégua, são os sinais vivos, os instrumentos do medo e da vulnerabilidade, podem ser espancados, linchados, exterminados ou torturados.

Quem ousar inclui-los na categoria cidadã, estará formando fileiras com o caos e a desordem, e será também temido e execrado. Existe alguma coisa de novo nesta configuração simbólica da crise urbana brasileira?

Ou historicamente se reproduz todo o processo de formação de nossas cidades: concentração de descendentes de ex-escravos. ⁽⁵⁵⁾

"O drama das nossas cidades, o drama das nossas áreas metropolitanas, é o drama de uma quantidade enorme de jovens que, por absoluta limitação de possibilidade de ascensão social e de usufruir dos padrões de consumo dessa sociedade, claramente não tem outras oportunidades, que não tem outras opções, e acabam optando pela opção do crime.

O problema não é relação da pobreza com a criminalidade. O problema é o tipo de crime que o pobre comete e o tipo de crime que o rico comete. Em geral, os crimes dos pobres são crimes cometidos no espaços públicos, e, em geral, são os crimes contra o patrimônio – são furtos, roubos, ou, mais recentemente, a gente tem essa juventude pobre que clama por inclusão envolvida no tráfico, que é uma forma, também, de participar dessa sociedade de consumo em geral o crime do rico acontece num espaço privado. Então, é muito menos visível, já num primeiro momento. Ele vai estar muito menos exposto ao controle da polícia do que o crime do pobre.

As leis são feitas por uma elite de acordo com seus próprio interesses. Foucault dizia: "para deixar no claro a criminalidade que se quer abater" e "deixar no escuro a criminalidade que não se quer combater", ou seja, a criminalidade da classe dominante passa, basicamente, pela corrupção, pelas jogadas – que podem ser jogadas em Bolsas de Valores – que, ao fim, vão prejudicar milhares de pessoas. Mas a maior parte desses atos, não está tipificada no Código Penal e não vão ser sujeitos a qualquer controle por parte do arcabouço Jurídico Penal do país.

Não há uma área de atuação do crime organizado, seja tráfico de drogas, tráfico de armas, tráfico de cargas, roubo de banco em que você perceba um mínimo de estrutura desses grupos criminosos, em que não haja participação de policiais. Ou eles participam, realmente, como parceiros, ou eles participam dando proteção a esses grupos." (56)

"[Em relação à] juventude negra brasileira, você está dividido entre a criminalização e a caridade voluntária. A caridade voluntária vai sempre trabalhar com uma identidade visual que vai dizer o seguinte: ajude esse menino antes que ele vire um criminoso. O menino é assim, ele tem que ser ajudado porque é como ele fosse um criminoso natural. A gente tem um paradigma de controle social e de controle policial que é um paradigma de controle total, não o paradigma da tolerância de deixar de conversar, é uma coisa meio inquisitorial. Na construção social da figura do traficante, não tem nada que se assemelhe mais a figura do herege na inquisição do que a figura do traficante. Quem é que está confinado? Não são as elites gradeadas que estão aí mantendo a indústria do controle social e a indústria da segurança que é hiper lucrativa no capitalismo hoje e tentando confinar os 140 mil presos numa forma vergonhosa." (57)

(53) BATISTA, Vera Malaguti. Dificéis Ganhos Fáceis - drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Revan, 2003. p. 36.
(54) LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.
(57) BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

7.3

Satisfazer nossa necessidade de vingança com um teatro de justiça

“As pessoas estão convencidas de que a pena é reguladora de conflitos sociais.” (58)

“A gente convive com corpos de jovens negros jogados na vala, na caçamba. E isso é naturalizado.” (59)

“O medo é incentivado, ele interessa. Para se manter uma ordem muito injusta, só se disciplina por meio do terror.” (60)

“É a punição além do crime. É o controle social.” (61)

Uma vez constatada a rapidez com que os capitalistas selvagens do tráfico de drogas desestabilizaram o cotidiano do estado mais rico do Brasil, não dá mais para esconder o fato de que nossa precária tranquilidade depende integralmente da tranquilidade deles. Se os defensores da lei e da ordem não mexerem com seus negócios, eles não mexem conosco. Caso contrário, se seus interesses forem afetados, eles põem para funcionar imediatamente a rede de miseráveis a serviço do tráfico, conectada através de celulares autorizados pelo sistema carcerário (que outra explicação para a falta de bloqueadores e de detectores de metal nos presídios?) e toleradas pelo governador de plantão. No caso, o mesmo governador que, na hora do aperto, rejeitou trabalhar em colaboração com a Polícia Federal e, horas depois, negou ter feito acordos com os líderes do PCC. Segunda feira, nos telejornais, o governador Lembo nos fez recordar a retórica autoritária dos militares: nada a declarar além de "tudo tranqüilo, tudo sob controle". É preciso encontrar suspeitos, enfrentá-los a tiros, mostrar alguns cadáveres à sociedade.

“Satisfazer nossa necessidade de justiça com um teatro de vingança.”

A esquizofrenia da condição dos policiais militares foi revelada por algumas notícias de jornal: encapuzados como bandidos, executam inocentes sem razão alguma para a seguir, exibindo a farda, fingirem ter chegado a tempo de levar a vítima para o hospital. Isso é o que alguns PMs fazem na periferia, nos bairros pobres onde também eles moram, onde o desamparo em relação à lei é mais antigo e mais radical do que nas regiões mais centrais da cidade. Nas ruas escuras das periferias os PMs cumprem seu dever de vingança e atiram no entregador de pizza. Atiram no menino que esperava a noiva no ponto de ônibus, ou nos anônimos que conversam desprevenidos, numa esquina qualquer. No motoboy que fugiu assustado – quem mandou fugir? Alguma ele

fez.. Não percebem – ou percebem? – que o arbitrio e a truculência com que tratam a população pobre contribui para o prestígio dos chefes do crime, que às vezes se oferecem às comunidades como única alternativa de proteção.

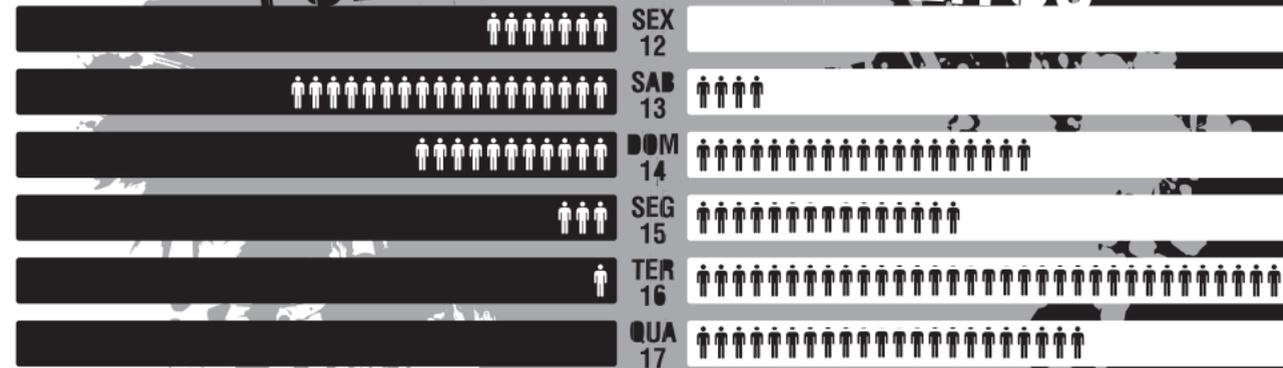
Assim a polícia vem “tranqüilizando” a cidade, ao apresentar um número de cadáveres “suspeitos” superior ao número de seus companheiros mortos pelo terrorismo do tráfico. (...) No Brasil ninguém, a não ser os familiares das vítimas, reprova a polícia pelas execuções sumárias de centenas de “suspeitos”. Mas até mesmo os familiares têm medo de denunciar o arbitrio, temendo retaliações. Aqui, achamos melhor fingir que os suspeitos eram perigosos, e seus assassinatos são condição na nossa segurança. Deixemos o Marcola em paz; ele só está cuidando de seus negócios. Negócios que, se legalizados, deixariam o campo de forças muito mais claro e menos violento (morre muito mais gente inocente na guerra do tráfico do que morreriam de overdose, se as drogas fossem liberadas – disso estou certa). Mas são negócios que, se legalizados, dariam muito menos lucro.

O crime é que compensa. Então ficamos assim: o estado negocia seus interesses com os do Marcola, um homem poderoso, fino, que lê Dante Alighieri e tem muito dinheiro. Deixa em paz os superiores do Marcola que vivem soltos por aí, no Congresso talvez, ou abrigados em algumas secretarias de governo. Deles, pelo menos, a população sabe o que pode e o que não pode esperar. E já que é preciso dar alguma satisfação à sociedade assustada, deixemos a polícia à vontade para matar suspeitos na calada da noite. Os policiais se arriscam tanto, coitados. Ganham tão pouco para servir à sociedade, e podem tão pouco contra os criminosos de verdade. Eles precisam acreditar em alguma coisa; precisam de alguma compensação. Já que não temos justiça, por que não nos contentar com a vingança? Os meninos pardos e pobres da periferia estão aí para isso mesmo. Para morrer na lista dos suspeitos anônimos. Para serem executados pela polícia ou pelos traficantes. Para se viciarem em crack e se alistar nas fileiras dos soldadinhos do tráfico. Para sustentar nossa ilusão de que os bandidos estão

MORTOS MAIO 2006

POLICIAIS

SUSPEITOS





Nossa política criminal de drogas não diminuiu a produção, pelo contrário, ela aumentou, não diminui o consumo, não diminuiu o tráfico, aumentou a violência e a corrupção. Em tudo o que ela se propõe a fazer ela é um fracasso retumbante. Então, nós temos que pensar o seguinte: para que ela serve?"⁽⁶³⁾

120

"Ou a gente aperfeiçoa os controles internos e os controles externos para que, realmente, a gente tenha condição de excluir os quadros das polícias dos maus policiais... ou nós vamos continuar reféns do crime organizado. Construíram-se unidades prisionais, mas não houve o cuidado de prover essas unidades prisionais com os recursos necessários para tornar a vida daquelas pessoas algo, minimamente, condizente com o que a lei determina.

Esse é o drama do Sistema Penitenciário do Brasil. Pelo fato de o Estado não estar presente cumprindo a lei, quer dizer, provendo as unidades prisionais daquilo que a lei manda, o Estado dá espaço para esses grupos.

A gente vai apenas acreditar que a solução da criminalidade, quer dizer, a luta contra a criminalidade tem que se fazer através de um aumento brutal da taxa de encarceramento e um aumento brutal de pessoas submetidas a um regime disciplinar do tipo RDD? Não vamos nos iludir, nós não vamos chegar a lugar nenhum com isso. Enquanto a gente continuar acreditando que a questão social é uma questão de polícia, a gente vai conviver com níveis altíssimos de criminalidade e violência, essa é que é a realidade." ⁽⁶⁴⁾

⁽⁶³⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de São Paulo, 23/02/2004.

⁽⁶⁴⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de São Paulo, 23/02/2004.

⁽⁶⁵⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de São Paulo, 23/02/2004.

⁽⁶⁶⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de São Paulo, 23/02/2004.

⁽⁶⁷⁾ KEHL, Maria Rita. "A Manta dos suspeitos". In Carta Maior, 18/05/2006.

⁽⁶⁸⁾ BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

⁽⁶⁹⁾ LEMGRUBER, Julieta. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

7.4

Precisamos reinventar as formas de convivência

121

“Reinventar as formas de convivência que privilegiem a busca da integração, em proveito da coletividade.”⁽⁶⁵⁾”

"Em grande parte, o que aconteceu foi que o PCC trouxe o perigo para onde o perigo jamais era suposto estar. Eles penetraram com uma atividade proveniente de um ambiente de clandestinidade social, ou criminal, em âmbitos onde ela nunca havia se manifestado publicamente de maneira tão intensa e de maneira tão sistemática. Isso provocou uma evacuação completa da cidade, algo jamais visto antes em termos de fenômeno social. Então, um grupo criminoso com seus liames de conexão com essas áreas periféricas de São Paulo acabou se infiltrando e, praticamente, colocando pela primeira vez o privilégio face a face com a exclusão, face a face com a confrontação social. Pela primeira vez São Paulo recuou, pela primeira vez tremeu na base, pela primeira vez sentiu a presença e o rosto dos excluídos. Nesse sentido, o fato é chocante e notável também para revelar esse fraqueza da cidade, o quão despreparada ela está para compreender onde é que ela na verdade se coloca em termos da relação com a sua própria população. Em outras cidades, por exemplo o Rio de Janeiro, a criminalidade é uma constante como é em São Paulo, mas é uma constante com a qual o conjunto da população é obrigado a conviver, porque ela praticamente permeia todos os âmbitos da cidade e os grupos, as camadas excluídas, estão sempre ao redor de onde quer que se instalem as populações mais prósperas. Então esse contato é mais direto, tanto no sentido do convívio pacífico e socialmente integrado de ambas as partes, quanto também no atrito em circunstâncias de confrontação ou de criminalidade propriamente dita. Nesse sentido, não é nenhuma novidade que alguém se depare com uma situação fortuita ameaçadora no seu cotidiano numa cidade como o Rio de Janeiro. Mas em São Paulo, a expectativa de grande parte dessa população que vive no núcleo privilegiado é jamais na vida se encontrar, jamais na vida cruzar com isso, viver completamente à parte da existência dessa camada social, que está eventualmente forçada nos limites da transgressão da criminalidade. Ao invés de uma situação como essa produzir um alerta para, justamente, trazer a discussão sobre a maneira profundamente desigual e desconstruída como essa cidade historicamente se desenvolveu e produzir uma discussão sobre as formas de reversão desse quadro e de integração mais igualitária do conjunto da malha

urbana, o efeito acaba em grande parte sendo o oposto. É preciso, mais do que nunca, intensificar medidas de isolamento, medidas de segurança extrema, que já estão em curso. E já se criou uma indústria paralela de carros blindados e de alarmes de segurança, de cercas eletrificadas, de holofotes, de um enorme contingente de guardas e milícias paralelas, enfim, tudo aquilo que se pode considerar como recursos anti-sociais, porque são aqueles pelos quais uma parte da comunidade quer, de toda forma, evitar o contato com a outra. Isso é o oposto do princípio da existência de uma cidade, que é a civilidade, que é o encontro cotidiano das diferenças, das pessoas de diferentes condições, de diferentes posições, em diferentes áreas, o tempo inteiro. Isso é que é o viver na cidade, é esse encontro permanente, diário de situações as mais inesperadas e que são, todas elas, fortemente informativas, enriquecedoras do ponto de vista de um conhecimento melhor de todas as partes do convívio social e da percepção de como é desse conjunto de situações diferenciadas que se produz a diversidade, que é a riqueza do convívio urbano.

Na medida em que você tem a atitude grupos dispostos a se cercar, se isolar, se fechar, bloquear totalmente o contato dos membros da sua família, particularmente o das crianças, com qualquer outra parte da cidade, a não ser aquelas exatamente idênticas à sua imagem e semelhança, numa completa concepção de assepsia total, e jamais ter contato com nada que não seja a reprodução desses mesmíssimos grupos, com os mesmíssimos valores e, particularmente, com o mesmo padrão de consumo, o que você tem é uma doença social, o que você tem é um estado degenerativo, de degradação do convívio e de dilaceramento das formas de sociabilidade e de coesão que deveriam fazer de uma cidade o esteio de uma vida pública, de uma vida cívica, o que é a base de uma constituição e de uma democracia republicana como esse país pretende ser. Nesse sentido, boa parte do impacto que teve essa situação alarmante dos eventos nos quais o PCC interferiu com o cotidiano da cidade foi no sentido oposto, muito mais de provocar retração, a retransmissão desses sistemas exasperados de segurança, do que trazer para o âmbito público o debate sobre esse insustentável sistema de desigualdade que esse cidade comporta."⁽⁶⁶⁾



"Nós estamos diante de um conflito civil violento, travado entre a etnia dominante e a etnia discriminada. Há uma violência civil no país que não deve ser confundida com a violência criminal. Quando em uma sociedade a violência civil vai se avolumando, como no Brasil, isso configura uma situação de revolta. (...) Aqueles que se acham donos da sociedade, esses que integram a etnia dominante, querem, sim, uma polícia violenta contra os outros e não contra eles. (...) O preconceito, o racismo, a discriminação étnica são coisas que cegam tanto as pessoas que elas não conseguem perceber que é impraticável. Não é factível o que elas estão imaginando. É um sonho. A etnia dominante do Rio de Janeiro pensa em dormir um dia e acordar no dia seguinte com uma novidade: as favelas sumiram. É uma ilusão. (...) A sociedade brasileira precisa repensar a convivência com esses espaços. Não dá mais para resolver com a força. Historicamente, as elites políticas, intelectuais e econômicas do Rio de Janeiro sempre quiseram transformar a cidade numa Paris. Assim, sempre se sentiram muito incomodados com os negros, com os nordestinos. (...) A questão social brasileira tem cor. O conceito étnico tem um componente social. Questão social e questão étnica não são excludentes. Há um grupo socialmente bem situado, essencialmente, de natureza branca. Mesmo que dele façam parte algumas pessoas negras, esse grupo é um grupo etnicamente branco. Há um outro grupo que é etnicamente negro e nordestino. Nele há brancos pobres que são, etnicamente, incluídos naquele grupo."⁽⁶⁷⁾

“ Ou o Estado se instrumentaliza para manter uma rede de proteção social dentro e fora da cadeia, digna da nossa constituição e das nossas leis. Ou nós vamos continuar reféns do crime organizado e reféns desses grupos dentro das cadeias. ⁽⁶⁶⁾ ”

⁽⁶⁶⁾ SEVCENKO, Nicolau. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.
⁽⁶⁷⁾ LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.



"Ficou muito assinalada a participação de rapazes, sobretudo de muito jovens dessas áreas periféricas, com certo perfil social, com certa atitude comportamental, [nos ataques do PCC], que se enquadraram um pouco no imaginário como sendo os portadores potenciais da violência, e, obviamente, se tornaram o alvo principal da repressão policial nos dias que se sucederam, e, desde então, até hoje.

É muito triste ver que a comunidade se volta contra si mesma e que esses jovens; que são a fina flor, literalmente, da juventude que estaria – é o que todos esperamos – na posição de ser a próxima geração dos gestores dessa sociedade, dos agentes sociais, nas várias profissões, nos vários ramos de atuação, dessa cidade; de repente nessa situação possam se ver jogados contra a parede.

Suspeitos de serem os agentes da criminalidade, as presenças

anti-sociais, os inimigos da população, as pessoas que, se alguém vir na rua, muda para outra calçada.

É absolutamente terrível o modo como isso produz o efeito de dilaceramento no nosso convívio e na nossa vida cotidiana na nossa cidade. Uma vez mais, a mídia tem um papel negativo em reportar também esse tipo de perfil como se fosse uma garantia de que quem se enquadra nele de fato incorpora uma atitude criminosa. E eu acho que era principalmente o resgate dessa juventude que teria que estar na pauta dos nossos dirigentes, das nossas associações de integração social porque, mais do que ninguém, eles são o futuro, ele são o que essa cidade será, e, se a gente envenena essas gerações, a gente está envenenando o próprio futuro. Eu acho, portanto, que a ação junto à juventude é o elemento estratégico de qualquer tentativa de começar a pensar em reverter esse quadro.

Nesse sentido, é notável o trabalho que vários grupos de Rap fazem no sentido de produzir esse estado de consciência, de compreensão simultaneamente da injustiça que envolve essa política centrada em práticas exclusivamente repressivas, e, de outro lado, das resistências que esses jovens têm que ter diante da atração que a criminalidade representa, não como crime necessariamente, mas como uma forma de reação contra essa brutalidade, como se o criminoso fosse um herói justamente porque ele contra-ataca quem está sendo tão agressivo contra a sua pessoa, contra seus os iguais, contra gente que tenha o seu perfil e o seu comportamento. É uma situação muito complicada e a gente está num limiar exato: ou se faz alguma coisa ou a situação tende a degenerar de uma maneira irreversível.

O que era preciso era trocar essa política de ênfase meramente repressiva, como se isso fosse levar a algum resultado que não seja a intensificação

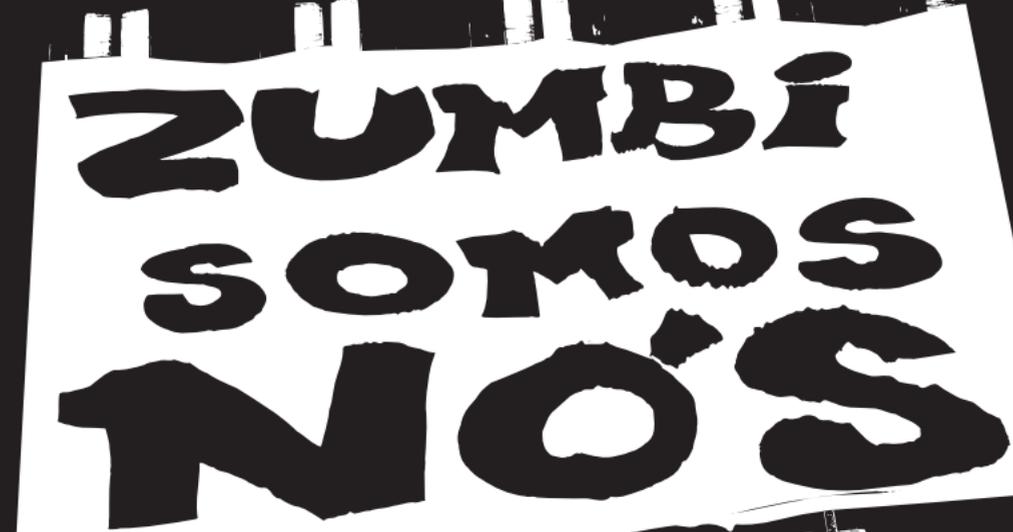
desse mesmo quadro e de maneira imprevisível cada vez mais na direção de uma catástrofe eminente, para se buscar formas de construir pontos de encontro, pontos de integração, em particular dessa juventude das áreas periféricas com a cidade como um todo, com os gestores sociais, com aqueles grupos e organizações que fazem trabalhos ligados a práticas artísticas a práticas de recuperação urbana, a práticas educativas e de distribuição de conhecimentos, de recursos para integrar a comunidade à informação. E colocar essa gente excluída da modernidade no centro da própria modernidade, porque eles são a energia do futuro. Quer dizer, não parece ser nada muito estranho, nada muito complexo, nada muito difícil de implementar, é uma questão de mudar o quadro político, mudar a lógica da intervenção: ao invés de ser policial, ser educacional; ao invés de ser exclusora, ser comunitária; ao invés de esgarçamento da sociedade, que seja de produzir coesão." (68)



08

ZUMBI SOMOS NÓS

126



ZUMBI
SOMOS
NÓS

1. Quem foi Zumbi?

2. Cotas: inscrição de um símbolo para a igualdade racial

3. Dialética da Marginalidade: convertendo a violência em força simbólica

4. Diáspora: um canto de resistência

127



8.1

Quem foi Zumbi?



O mais significativo quilombola surgiu durante o século XVII, sob o nome de Palmares. Durante a maior parte do século (por volta de 1605 e até 1695), os escravos fugidos e seus descendentes formaram uma população de 20 mil almas (cifra talvez exagerada) e defenderam sua comunidade, reconstituída segundo padrões africanos, contra os ataques da Holanda e de Portugal, duas das maiores potências da época.

Os palmaresenses, ao que parece, tentaram reconstruir uma sociedade africana em seus aspectos essenciais. Apesar de negros de várias partes da África convergirem para Palmares, os povos Congo-Angolanos, de língua bantu, aparentemente predominaram. O quilombo tornou-se mais auto-suficiente e complexo no plano econômico e abrigava artesãos e oficiais mecânicos hábeis. Evidências fragmentárias sugerem que a organização econômica aderiu às normas da África Ocidental, baseadas na família. Politicamente os palmaresenses concentravam o poder nas mãos de um grupo diminuto de chefes. Escravizavam aqueles a quem arrancavam à força das fazendas, ao passo que recebiam como irmãos e irmãs os que desertavam e se uniam a eles.

Em 1678 o regime infligiu pesadas perdas aos palmaresenses, cujo chefe-supremo o Ganga-Zumba, pediu a paz. Os portugueses ofereceram termos que consideravam generosos, talvez generosos demais e que incluíam o reconhecimento da liberdade dos palmaresenses, nomeação do Ganga-Zumba como comandante real de suas tropas e confirmação de suas reivindicações sobre um território que já era olhado com cobiça pelos fazendeiros e mercadores.

Os palmaresenses, em troca, tinham de desistir de parte do território, devolver escravos fugidos e suprimir as revoltas de índios e cativos. Um grupo de palmaresenses, sob a liderança do Zumbi (chefe-guerreiro) e outros jovens, repudiou o acordo, executou o Ganga-Zumba e retomou a luta.

Somente em 1695, uma poderosa coalizão de bandidos paulistas, nordestinos recrutados apressadamente e grande número de índios deu fim a Palmares. O Zumbi mencionado em um documento português como “negro de singular coragem, valor, grande ânimo e constância”, foi aprisionado vivo, apesar de ferido e posteriormente executado. ⁽⁶⁹⁾



“O que é o zumbi? O Zumbi é uma comunidade que cresceu de populações aquilombadas e que tomou uma tal dimensão que virou uma imensa cidade, uma metrópole com uma complexa vida econômica e social e que tinha interação com toda a economia da região, com as fazendas, com a exportação, importação, etc. Portanto, uma entidade viva e das mais dinâmicas da nação.

*“É a parte viva, dinâmica da sociedade,
que é de repente identificada
como inimigo da sociedade.
Ou seja, é o corpo social,
é como você mutilar,
uma parte do seu próprio corpo.”*

Uma parte enorme da população que está sendo criminalizada, que está sendo demonizada, está sendo excluída e tendo seu futuro negado. Mas eles são o país, eles são o corpo social, eles são muito maiores do que o conjunto do restante da população. Eles são o futuro. Dadas a essas pessoas, a todos esses jovens, condições de se educarem com qualidade, o país salta para uma outra dimensão. Então, se a gente vê a história do país, por que o país deu errado em si mesmo o tempo inteiro? É porque ele luta contra si mesmo desde o período colonial.” ⁽⁷⁰⁾

⁽⁶⁹⁾ GENOVESE, Eugene. Da Rebelião à Revolução. São Paulo, Global, 1983.
⁽⁷⁰⁾ SEVCENKO, Nicolau. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.



8.2

Cotas: inscrição de um símbolo para a igualdade racial

“ O drama do negro,
o problema do negro,
não foi criado pelo negro.
Foi criado por outros. ⁽⁷¹⁾ ”

"Portanto, a solução do problema do negro é uma solução nacional. Uma solução que precisa envolver a todos. Para nós, é quase que maldade, querer que o problema do negro seja resolvido só pelo negro. Não! Não! Quem gerou o problema foi a sociedade brasileira quando não soube repartir, não soube integrar mas soube explorar, soube humilhar. Agora a solução precisa sim, passar também pelos brancos como alguém que é parte integrante desse problema que atravessamos.

Cota é uma política que olha para trás que tenta resolver os problemas mal resolvidos ao longo do processo. E se você quer fazer uma política olhando para frente, tem que se melhorar o Ensino Fundamental e Médio que é a luta da comunidade negra também. Só abriremos mão das cotas quando tivermos conseguido equalizar as oportunidades de brancos e negros no Brasil. A política de cotas norte-americana conseguiu, e muito, tirar o negro da miséria e melhorar a relação entre negros e brancos nos Estados Unidos.

Nós temos plena convicção de que a inclusão, o problema do negro, além de ser um problema social, é também um problema racial. Então, só fazendo uma política de enfoque social, não resolve o problema do negro. Por exemplo: no Brasil, 37% das pessoas que estudam na Rede Pública do Ensino Médio são pessoas de classe média. Se você faz uma política de ação afirmativa, de cotas, só para alunos da rede pública – o que algumas pessoas aplaudem e dizem que

"O medo tem que ser mantido como o grande regulador, o medo do Malês, o medo dos Cabanos, de toda esta força que é a juventude popular, a juventude meio índia, meio negra, meio cafuza, uns brancos lá no meio que passaram pro outro lado. Enquanto não tomar o poder, nós vamos ficar nessas idas e vindas, mas a perspectiva é poder político, político no sentido macro de tomar o poder mesmo.

A gente tem que romper primeiro a muralha dos meios de comunicação, o monopólio da imagem, da imagem do afro-brasileiro, do afro-descendente, da imagem do problema criminal e ter uma proposta de poder." (72)

isso é a solução – é uma política muito equivocada, porque vai, primeiríssimamente, dar oportunidade à classe média que está na rede pública e só depois que esse grupo ficar incluído é que vai pegar brancos pobres e negros.

Hoje no Brasil já tem muitas universidades que já fecharam pesquisas provando que o aluno que entrou com cotas está tendo nota igual ou superior ao aluno que entrou pelo método tradicional.

A estratégia nossa é de ocupar todas as vagas possíveis, uma vez que a demanda reprimida de negros e negras querendo exercer o seu sagrado direito de educação, é 500 vezes maior do que o que o governo está oferecendo. Tanto faz pública ou particular, o determinante é a garra do aluno, é a estratégia da aprendizagem e o fazer também o estudo alternativo. Ler jornal, assistir a filmes, participar de teatros, eventos culturais, participar da militância política está sendo, hoje, um tremendo cabedal de qualificação do jovem pobre. E, no momento, estamos com a grande luta exigindo cotas na cultura, 30% de vagas em todos os teatros municipais e estaduais para negros e pobres, justamente para garantir esse currículo invisível que o rico tem e o pobre não tem. Os atos públicos [do Educafro] existem e existirão enquanto o clamor do povo não é ouvido pelas autoridades.

O negro é bom enquanto ele está quietinho na igreja. Quando o negro fala, discute e provoca, ele incomoda. E eu entendo que Jesus incomodou e não sou eu quem vai se omitir em incomodar." (71)

"Não há dúvida a respeito da questão da justiça das cotas, mas limitar o debate nas cotas é deixar o sistema inteiro como ele está, porque o problema do sistema é uma educação que está ela toda centrada no nível básico para o encaminhamento para o vestibular e, depois passado no vestibular, para a formação de um aluno que foi formatado pelo vestibular. Não há educação, há vestibularização. É lamentável, porque o sistema de seleção para a universidade passa a ter um critério meramente numérico, você faz um determinado cursinho, que te dá um princípio normativo de resolução de questões altamente formalizadas e, se você tem um treinamento suficientemente intenso nesse processo de resolução de questões mais ou menos previsíveis, você consegue passar, se você não teve condições, sobretudo de pagar um cursinho, para poder passar por esse treinamento você não tem acesso, e o que a universidade faz então é administrar gente que teve esse treinamento e não gente que foi educada. O que me parece crucial é eliminar essa situação do vestibular. Eu acho que, sobretudo a universidade pública, devia funcionar como um sistema que personalizasse o recrutamento dos alunos. Que não fosse alguém que passasse por uma prova de mensuração, de resolução de testes, mas um exame que, através de entrevistas e do conhecimento da vida pregressa das pessoas, justamente procurasse recrutar aquele que vem de um meio social complexo, aquele que tem uma experiência de integração social mais complexa e, por isso, uma riqueza de convívio com amplos setores da sociedade que pode ser levada para dentro da universidade e gerar frutos dentro da universidade. Que, quando a pessoa sair de lá, não estará pensando só na sua carreira particular como uma carreira de sucesso para enriquecimento pessoal, para ter uma ascensão social ou

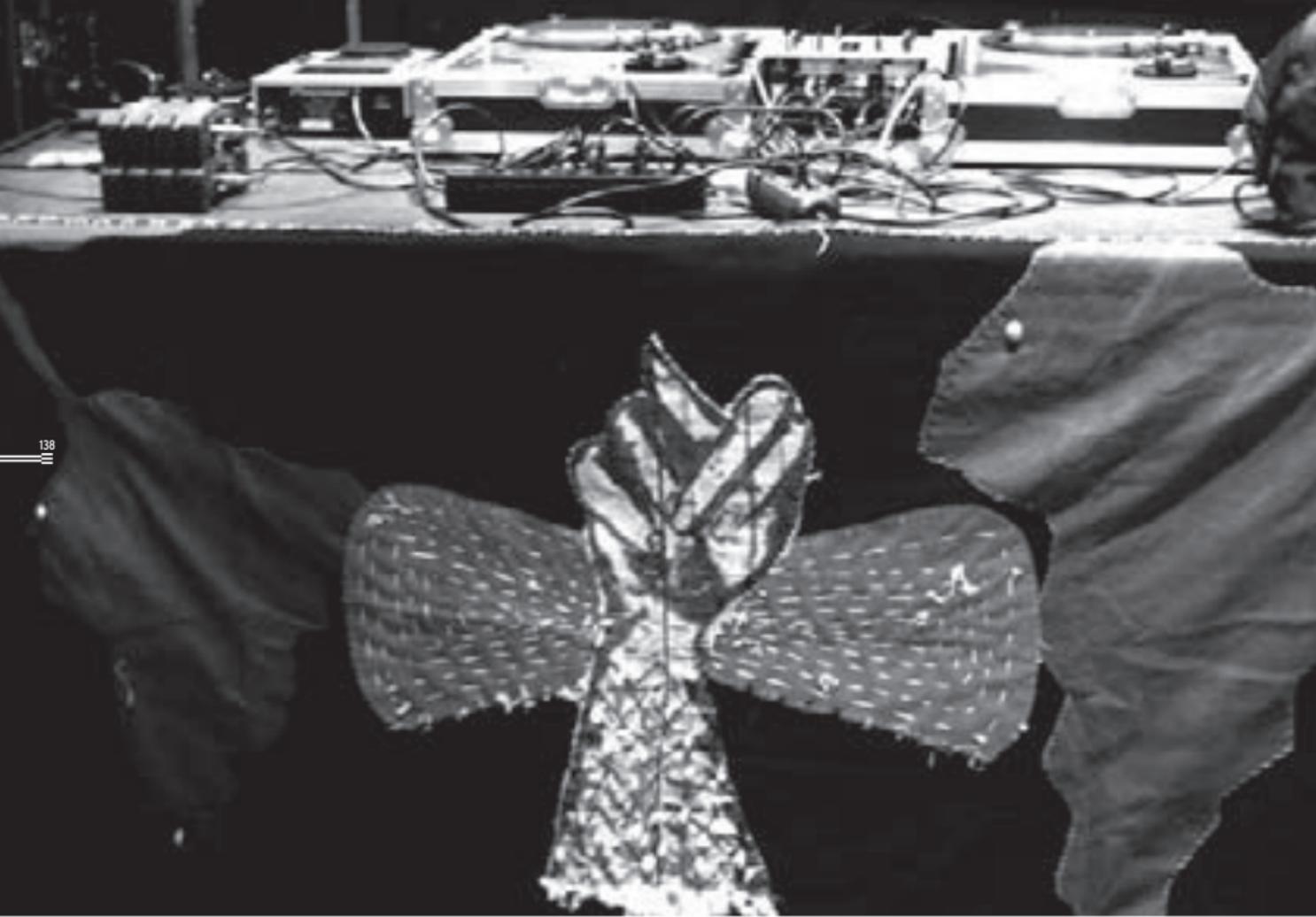
pessoal, mas pensará que ele está numa universidade pública para cumprir um papel público e ter um resultado posterior como um agente de integração da sociedade como um todo. É esse o perfil de aluno que interessa para universidade, interessa o aluno que tem menos na cabeça uma motivação de carreira individual, o que tem mais preocupação da universidade ser um pólo de integração da sociedade, e quem tem a cabeça assim é quem esteve mais dependente de interações dessa natureza, percebendo como é preciso que diferentes agentes, em diferentes circunstâncias, sob diferentes grupos, sob diferentes circunstâncias, colaborem entre si para produzirem resultados que sejam benéficos a todos. E como a universidade, como a tecnologia moderna, como todos os potenciais do conhecimento moderno, podem servir para produzir esse efeito integrativo e equalizador na sociedade. Então o recrutamento do aluno para dentro da universidade devia trazer para dentro que tem esse tipo de problema, e esse é o que tem que passar no processo de seleção e, necessariamente, vai ser o aluno que tem essa vida muito mais marcada por experiências sociais.

Eu acho que, se mudarem esses critérios de seleção, muda o sentido da educação como um todo. As escolas vão procurar se envolver em trabalhos comunitários para que seus alunos tenham essa bagagem entre si e para que eles possam ter a oportunidade de serem selecionados na universidade, porque tiveram uma vida toda dedicada ao trabalho social e esse é o critério dominante. Se a pessoa tem esse perfil, essa pessoa é a que merece a oportunidade de estudar numa escola pública com recursos públicos caríssimos porque dela se espera que ela vai saber dar o retorno público para esse investimento." (73)

(71) DAVID, Frei. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

(72) BATISTA, Vera Malaquiti. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.

(73) SEVCENKO, Nicolau. Entrevista para a Frente 3 de Fevereiro.



8.3 **Dialética da marginalidade: convertendo a violência em força simbólica**

"A violência somente reforça a desigualdade social. De um lado, legitima a repressão policial, que já afeta cotidianamente a população das áreas mais pobres. De outro lado, estimula as correntes mais reacionárias da sociedade civil, (...) sempre prontas a exigir a pena de morte e o aumento do aparato repressivo. É como se o sistema se beneficiasse da violência e até mesmo contasse com ela, a fim de justificar sua própria necessidade. A alternativa, portanto, é converter a violência cotidiana em força simbólica, por intermédio de uma produção cultural vista como modelo de organização comunitária." (74)

"Proponho uma abordagem alternativa em relação à sociedade brasileira e, sobretudo, à cultura brasileira contemporânea. Talvez a "dialética da malandragem", tal como formulada por Antonio Candido num texto fundamental, esteja sendo substituída por uma "dialética da marginalidade". A "dialética da marginalidade" pretende superar a desigualdade social mediante o confronto, em lugar da conciliação; através da exposição da violência, em lugar de seu ocultamento. Portanto, se a "dialética da malandragem" supõe uma forma descontraída, jovial de lidar com a injustiça social e o cotidiano, a "dialética da marginalidade" impõe-se mediante a exploração e mesmo a exposição metódica da violência, a fim de explicitar o dilema da sociedade brasileira. O enfrentamento desses dois modos de compreender o país cria uma "batalha simbólica".

Se minha hipótese for procedente, o futuro próximo deve trazer uma mudança

fundamental na percepção que os brasileiros têm de sua própria cultura – uma percepção que em parte tem sido determinada pelo modo como os brasileiros são vistos no exterior. Se Elizabeth Bishop fosse escrever o seu livro hoje, certamente identificaria uma mudança sutil, mas decisiva, na atitude do brasileiro médio quando submetido a intermináveis filas em ziguezague: ele aprendeu a perder a paciência com rapidez. Em 28 de agosto de 1958, Carolina de Jesus escreveu em seu diário: "Fui carregar água. Que fila! Quando eu vejo a fila fico desanimada de viver". Mais importante ainda do que simplesmente ficar desanimado, deve-se aprender a dar voz à impaciência e, sobretudo, a querer expressar a própria voz. (...) Em "Rapaz Comum", os Racionais MC's sugerem: "Olha no espelho e tenta entender". Muitos dos manos que teimam em contrariar as estatísticas estão seguindo o conselho. Esse é o projeto da "dialética da marginalidade".⁽⁷⁵⁾



8.4

Diáspora: um canto de resistência

**Abrem-se as portas
E a diáspora se levanta
Espanta
A dor, o medo a dúvida
Desconfianças
Inseguranças
Complexos de inferioridade
Inconsciência
Esquecimento
Não dá mais para adiar
Agora é a hora
Chegou o momento
Identidade
Qual é a sua?
Quem é você?
Seus pais
E os pais de seus pais**

**Qual a origem da sua cultura?
De onde vieram seus ancestrais?
Pois respeitar quem veio antes
É ensinar quem vem depois
Conhecer a história
Ativar a memória
Saber quem é quem
Dar nome aos bois:**

**Zumbi dos Palmares, Luiza Mahin, Ângela Davis, Patrick Lumumba, Almilcar Cabral, José do Patrocínio, Solano Trindade, Luis Gama, Malcon X e James Brown, Tim Maia, Jorge Bem e Mano Brown.
Marthin Luther King, pastor na vida e na morte, guerreiro da manobra da libertação e de todos os mártires da paz perseguida.**

**Abolicionistas, guerrilheiros, lutadores, guerreiros, quilombolas
E todos os que, lutaram e deram a vida para que pudéssemos estar aqui agora
Neste momento entramos em cena, pedimos a todos para participar
E no passado nos foi concedida a permissão para começar
Planto os meus santos, abro o meu canto
Me visto de fé de amor e de paz
Vejo uma estrela, se aproximando,
Toda grandeza dos orixás
O brilho da lua, do ferro e do fogo
A terra a lama o vento e o mar
Peço licença e vou chegando
Respeito e humildade
Eu quero é cantar.**⁽⁷⁶⁾

⁽⁷⁴⁾ ROCHA, João Cezar de Castro. "A Dialética da Marginalidade". In Folha de São Paulo, ?????
⁽⁷⁵⁾ ROCHA, João Cezar de Castro. "A guerra de relatos no Brasil contemporâneo". In ?????
⁽⁷⁶⁾ Roberta Estrela D'Álva, integrante da Frente 3 de Fevereiro.

09 APONTAMENTOS

9.1 BIBLIOGRAFIA

- "Favela protesta em lançamento de condomínio bilionário". In Carta Maior, 25/05/2006.
- "PMs matam dentista apontado como ladrão". In Folha de São Paulo, 09/02/2004.
- BATISTA, Vera Malaguti. Entrevista para a Folha de São Paulo, 23/02/2004.
- BATISTA, Vera Malaguti. *Difíceis Ganhos Fáceis - drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Revan, 2003.
- CECCATO, Vânia. Entrevista para a Folha de São Paulo, 21/05/2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira, 1994.
- GENOVESE, Eugene. *Da Rebelião à Revolução*. São Paulo, Global, 1983.
- HARDMAN, Francisco Foot. "Só pela entrada de serviço". In Folha de São Paulo, 28/06/2006.
- KEHL, Maria Rita. "A Matança dos suspeitos". In Carta Maior, 18/05/2006.
- LEMGRUBER, Julita. Entrevista para a Revista Época, 11/02/2004.
- RAMOS, Sílvia & MUSUMECI, Leonarda. *Elemento Suspeito - Abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.
- ROCHA, João Cezar de Castro. "A Dialética da Marginalidade". In Folha de São Paulo, 1994.
- ROCHA, João Cezar de Castro. "A guerra de relatos no Brasil contemporâneo". In 1994.

9.2 FICHA TÉCNICA

9.3 AGRADECIMENTOS